

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RANGEL PERUCHI

A COMPETÊNCIA PRAGMÁTICA EM APRENDIZES DE LÍNGUA INGLESA:
UMA ANÁLISE DO USO DE ESTRATÉGIAS CORTESES

CURITIBA

2010

RANGEL PERUCHI

A COMPETÊNCIA PRAGMÁTICA EM APRENDIZES DE LÍNGUA INGLESA:
UMA ANÁLISE DO USO DE ESTRATÉGIAS CORTESES

Dissertação apresentada ao Curso de Pós
Graduação em Letras, Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Elena Godoi

CURITIBA

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação do mestrando RANGEL PERUCHI para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas ELENA GODOI, LUZIA SCHALKOSKI DIAS e TERUMI KOTO BONNET VILLALBA arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“A COMPETÊNCIA PRAGMÁTICA EM APRENDIZES DE LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE NO USO DE ESTRATÉGIAS CORTESES”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
ELENA GODOI		Aprovado
LUZIA SCHALKOSKI DIAS		Aprovado
TERUMI KOTO BONNET VILLALBA		Aprovado

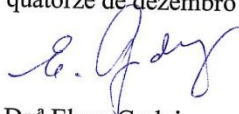
Curitiba, 14 de dezembro de 2010

Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran
Coordenadora

Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran
Coordenadora
Matrícula SIAPE: 0344084



Ata quingentésima, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu o mestrando **RANGEL PERUCHI**. No dia quatorze de dezembro de dois mil e dez, às dez horas, na sala 1020, 10.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelas seguintes Professoras Doutoras: **ELENA GODOI**, Presidente, **LUZIA SCHALKOSKI DIAS** e **TERUMI KOTO BONNET VILLALBA**, designadas pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "A COMPETÊNCIA PRAGMÁTICA EM APRENDIZES DE LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE NO USO DE ESTRATÉGIAS CORTESES" apresentada por **RANGEL PERUCHI**. A sessão teve início com a apresentação oral do mestrando sobre o estudo desenvolvido. Logo após a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada uma das Examinadoras para as suas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora **ELENA GODOI** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação do candidato. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADO** o candidato, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**, devendo encaminhar à Coordenação em até 60 dias a versão final da dissertação. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. Feita em Curitiba, no dia quatorze de dezembro de dois mil e dez. xxx


Dr.ª Elena Godoi


Dr.ª Luzia Schalkoski Dias


Dr.ª Terumi Koto Bonnet Villalba


Rangel Peruchi

AGRADECIMENTOS

À professora Elena Godoi por sua ajuda, perspicácia e inteligência que me fizeram enxergar com mais clareza aquilo que antes era escuridão.

À professora Terumi Koto Bonnet Villalba por seu empenho no andamento dos meus estudos nesta instituição.

À professora Márcia Boechat Fernandes que gentilmente permitiu a aplicação dessa pesquisa com seus alunos.

À professora Ligia Negri que cooperou de maneira relevante para o aperfeiçoamento dessa pesquisa.

À professora Luzia Schalkoski Dias que gentilmente aceitou fazer parte da banca avaliadora.

The human personality is a sacred thing; one dare not violate it nor infringe its bounds, while at the same time the greatest good is in communication with others (Durkheim, 1915,p.299).

RESUMO

No presente trabalho, pretendemos investigar as estratégias corteses utilizadas por falantes nativos e por aprendizes de língua inglesa na tessitura de uma "carta ao editor". Esse estudo é baseado na análise do *corpus* dos dois grupos específicos constituídos de falantes nativos e falantes aprendizes com o objetivo de verificar quatro estratégias principais, tais como: o uso inclusivo, ocultação do agente, perguntas retóricas e mitigação e/ou modalização. Além disso, objetiva-se perceber como os falantes nativos e os aprendizes de língua inglesa utilizam estratégias corteses para satisfazer as necessidades da face. Com base na análise do *corpus*, é possível inferir que os falantes nativos fazem um uso variado dessas estratégias para proteger a face do escritor/leitor se comparado as produções escritas pelos aprendizes. Os resultados sugerem que embora os aprendizes apresentem um comando competente da estrutura morfo-sintática da língua inglesa, a escrita de muitos deles soa um tanto inadequada, se comparadas às produções escritas dos falantes nativos, visto que suas produções carecem de muitas das estratégias utilizadas por esses últimos. O comando adequado demonstrado por alguns dos aprendizes sugere que eles já adquiriram um bom nível de conhecimento pragmático e, conseqüentemente, tenderão a comunicar-se mais adequadamente no mundo real. Assim, o comando no uso das estratégias corteses pode vir a revelar não somente o nível de conhecimento da segunda língua por parte do aprendiz, mas também vir a funcionar como uma ferramenta metodológica para o professor de uma língua estrangeira através do ensino das estratégias corteses.

Palavras chave: Pragmática. Teoria da Polidez. Estratégias Corteses. Carta ao editor.

ABSTRACT

This study investigates the polite strategies used by native speakers and English learners in the writing of a *letter to the editor*. In addition, this study is based on corpus analyses of the two specific groups in order to verify four main polite strategies such as: inclusive use; person's occultation; rhetorical questions; and mitigation/ modalization. Furthermore, it is aimed to perceive how the native speakers and the learners use these strategies in order to satisfy face needs. Based on the corpus analyses, it is possible to infer that native speakers use a great variety of strategies to protect speakers/ hearers face and that their writing production seems to be less direct if compared to the letters produced by English learners. The results suggest that even though the learners make great use of the morpho-syntactic structure of English language, the writing of some learners sounds rather inadequate whether compared to those produced by native speakers since their production lacks most of the polite strategies used by native speakers. Furthermore, the adequate command shown by some of the learners suggests that these ones have already acquired pragmatic knowledge and as a consequence will behave themselves more appropriately in the real world. That is, the command of polite strategies might reveal not just the learner's level of knowledge in the second language but it may work to the teacher as a methodological tool for the teaching of a second language.

Key words: Pragmatics. Politeness Theory. Politeness strategies. Letters to the Editor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO II	13
2.1 A perspectiva pragmática.....	13
2.2 A teoria da Relevância.....	18
2.3 Efeitos Contextuais.....	18
3 CAPÍTULO III	23
3.1 Polidez.....	23
3.2 Imagem pública como necessidade.....	29
3.2.1 Bald on Record.....	30
3.2.2 Polidez Positiva.....	31
3.2.3 Polidez Negativa.....	35
3.2.4 Estratégias Indiretas.....	36
4 CAPITULO IV	40
4.1 Aprendizagem pragmática.....	40
4.2 <i>The Common European Framework</i>	42
4.3 A perspectiva de competência para Hymes.....	46
4.4 A perspectiva de competência para Canale.....	47
4.5 A perspectiva de competência para Saville -Troike.....	49
4.6 Transferência pragmática.....	58
4.7 O Discurso Escrito.....	63
5 CAPÍTULO V	70
5.1 Considerações Metodológicas Gerais.....	70
5.2 Definição da temática e objetivos da investigação.....	72
5.3 Critérios para a análise das cartas de opinião.....	75
5.3.1 O uso inclusivo.....	78
5.3.2 A ocultação do agente.....	79

5.3.3 As perguntas retóricas.....	79
5.3.4 A mitigação ou modalização.....	80
6 CAPÍTULO VI.....	81
6.1 Análise do corpus.....	81
6.2 Análise das cartas ao editor escritas por falantes nativos.....	81
6.3 Análise das cartas ao editor escritas por falantes aprendizes.....	85
6.4 Considerações Finais.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXOS.....	97
ANEXO I.....	97
ANEXO II.....	109
ANEXO III.....	111

1 INTRODUÇÃO

O foco principal de nosso trabalho será a averiguação da competência pragmática de alunos matriculados no último nível de escrita da Universidade Federal do Paraná. Assim, esse trabalho buscará, tendo como pressuposto teórico uma visão pragmática de língua, verificar de que maneira os falantes nativos da língua Inglesa fazem uso das estratégias corteses e também como e se os locutores aprendizes fazem uso dessas estratégias. Assim, pretende-se averiguar o funcionamento dessas estratégias para, com isso, avaliar se os locutores aprendizes aprenderam, de maneira eficaz, a tecer um texto que apresente essas ferramentas linguísticas. Além disso, nossa pesquisa irá basear-se no registro escrito dos aprendizes visto que acreditamos haver uma relação entre a escrita e a oralidade. Ou seja, como a maneira mais facilmente observável do fenômeno linguístico é por meio do registro escrito, por esse não apresentar tantas variáveis contextuais, buscaremos averiguar o uso das estratégias corteses utilizadas por falantes nativos e por aprendizes de língua inglesa. Utilizaremos de alguns autores que discorreram sobre a aprendizagem pragmática para que possamos compreender com maior profundidade o tema e, assim, poderemos traçar quais habilidades precisam estar desenvolvidas nos locutores aprendizes para que os mesmos sejam percebidos como falantes competentes. Além disso, tomaremos como base para a análise dos dados a Teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson (1987). Buscaremos isolar um aspecto, *politeness* (polidez) por acreditarmos que existem padrões de construção da mensagem ou maneiras de agrupar os elementos da língua e, dessa maneira, essas partes tornam-se expressões das relações sociais. Ou seja, os falantes fazem uso da linguagem de maneira que esta resulte adequada socialmente através do uso da polidez esperada em cada situação. Nesse sentido, concordamos com Haliday e Hassan (1976), ao apontarem que a perspectiva pragmática, ao por a ênfase no uso da linguagem, lança luz sobre a relação entre os fatores lingüísticos e extralingüísticos estudando a pressão que sobre o código exercem os fatores pertencentes ao “contexto de

situação”.

Buscaremos na sustentação teórica uma visão pragmática no ensino da segunda língua por acreditarmos que uma abordagem formalista da língua não seria capaz de nos oferecer certas respostas quando buscamos compreender como, e em que medida, o aprendiz se apropria de uma segunda língua. No entanto, mesmo baseando nosso trabalho numa visão funcionalista da língua e atentando para o uso da linguagem como atividade social, não deixamos de considerar também que o falante possui um mecanismo inato -Gramática Universal- que o habilita a perceber a variação paramétrica das línguas e apreender a variação de sua língua materna (CHOMSKY, 1965). Assim, acreditamos na existência de um mecanismo interno que habilite o falante para a linguagem, mas acreditamos também que a linguagem é guiada por mecanismos sociais que capacitam o falante a interagir nas mais variadas situações sociais. Ora, a existência de tal mecanismo interno - dispositivo de aquisição linguística - pode explicar, até certa medida, a habilidade humana em se comunicar, mas, quando estamos tratando do contexto de ensino-aprendizagem de uma segunda língua, percebemos claramente que se até certo ponto um mecanismo interno habilita o aprendiz no complexo processo de falar uma língua, apenas o entendimento de certas regras sociais como: o que falar, quando falar, quando não falar, o momento que se deve falar ou permanecer quieto, serão trazidos à luz através da perspectiva pragmática. Assim, se em um primeiro momento, o falante nativo e/ou aprendiz utiliza-se do dispositivo de aquisição linguística, em um segundo momento, é o entendimento do fenômeno social que o habilita de maneira eficaz a se comunicar em uma língua, pois de acordo com Hymes “Um modelo de língua deve ser projetado com uma face social para a conduta comunicativa e a vida social” (HYMES, 1975, p. 62).

2 CAPÍTULO II

2.1 A perspectiva pragmática

Acreditamos que o modelo de comunicação mediante o qual um falante codifica uma mensagem e a transmite a um ouvinte que a decodifica para compreendê-la é insuficiente e já foi superado na lingüística atual como meio para explicar a comunicação humana. Além disso, a comunicação humana só pode ser explicada pelo código lingüístico em uma pequena medida. Assim, os estudos pragmáticos ao colocar ênfase tanto na produção quanto na interpretação dos enunciados tentam buscar as condições que regulam o uso da linguagem. De acordo com Leech (1996): “*we cannot really understand the nature of language itself unless we understand pragmatics: how language is used in communication*¹” (LEECH, G. 1996, p.01).

Faz-se necessário registrar aqui que, até certo tempo atrás, o ensino de línguas estrangeiras apresentava uma visão sistêmica de língua. Ou seja, ensinar uma língua estrangeira significava familiarizar os estudantes com os mecanismos da língua através de uma manipulação controlada até que se alcançasse o automatismo. A visão de língua como um sistema que deveria ser compreendido e automatizado através da repetição pode ser mais fortemente ligada a uma visão estruturalista da linguagem. Porém, com o surgimento da Gramática Gerativo-Transformacional proposta por Chomsky (1965), onde o foco não era mais a classificação taxonômica das estruturas gramaticais e sim as possibilidades estruturais da língua, buscou-se uma visão mais comunicativa da língua. Entretanto, a busca por uma visão comunicativa não obteve grande êxito no ensino de línguas em um primeiro momento, pois como nos afirma Brumfit (1979, p.3), “o máximo que é oferecido são estratégias alternativas para o ensino da gramática, novas maneiras de se ensinar a

¹ nós não podemos entender a natureza da comunicação sem compreender a pragmática: como a língua é usada na comunicação.

mesma coisa”.

O modelo estruturalista, como afirmado anteriormente, tem se mostrado insuficiente para explicar a comunicação humana, pois não considera os fatores extralinguísticos. Assim, as novas abordagens teóricas a respeito do ensino de línguas estrangeiras têm nos mostrado que o código linguístico não pode ser considerado como o único elemento no ensino. Além disso, a comunicação pode ocorrer sem a presença de um código, como ocorria no princípio da comunicação na humanidade, através de mecanismos de ostentação e inferência (SPERBER e WILSON, 1986).

Podemos perceber também que os fatores extralinguísticos são parte essencial na significação das formas linguísticas tomadas em seus contextos de uso. Assim, entendemos que “o conhecimento e a compreensão são coordenados socialmente e sempre condicionados e mediados pela experiência histórica (...) que não há conhecedor sem cultura e que todo conhecimento é mediado por experiência social” (PUSEY, 1987, p. 23).

O pesquisador Gumperz (2001, p. 218) também afirma que deveríamos perceber a interação verbal dentro de um contexto sendo esta uma forma de prática comunicativa. Assim, *“Talk is not just a matter of individuals’ encoding and decoding messages”*², mas também algo no qual os falantes procuram alcançar seus propósitos em interações verbais.

Dessa maneira, concordamos com Schiffrin (1994), quando ela afirma que a comunicação humana está baseada em um processo onde aquele que inicia a comunicação não transmite pensamentos e sim, manifesta sua intenção de comunicar algo.

O modelo de comunicação inferencial de Sperber e Wilson (1986), baseia-se nas máximas de Grice (1975), e reconhece três intenções atuantes no processo de comunicação, as quais apresentaremos abaixo:

- a) a Intenção de produzir certa resposta no ouvinte;
- b) a intenção de que o ouvinte reconheça a intenção do falante;

² falar não é apenas uma questão de codificação e decodificação de mensagens.

- c) a intenção de que o ouvinte reconheça a intenção do falante como, pelo menos em parte, de que o ouvinte responda ao falante.

Para Sperber e Wilson (1986,p.29), comunicamos nossas intenções com enunciados que são uma modificação do entorno físico idealizado pelo falante para ser percebido por um público.

Assim, faz-se necessário que tracemos uma distinção entre oração e enunciado para que possamos melhor compreender o funcionamento da abordagem pragmática. Podemos compreender a oração como um conceito abstrato e a unidade máxima na qual se pode inserir uma regra gramatical. Já o enunciado, pode ser entendido como uma instância particular de enunciação sendo este sempre dependente de fatores extralinguísticos. Dessa maneira, seguimos Habermas (1994,p.328), quando afirma:

El enunciado tiene que ser considerado verdadero por los participantes, en la medida que refleja algo perteneciente al mundo; tiene que ser considerado veraz, en la medida en que expresa las intenciones del hablante, y tiene que ser considerado normativamente correcto, en la medida en que afecta a expectativas socialmente reconocidas³

Com base na perspectiva pragmática a comunicação verbal é constituída por fatores que vão além da decodificação do signo linguístico como dito anteriormente. A relação entre os sistemas inferenciais, a cognição humana, os sistemas de signos verbais e não verbais, assim como os sistemas culturais, atuam conjuntamente para formar a perspectiva pragmática. O pesquisador Dell Hymes (1976,p.76), apresentou de maneira bastante clara a importância do entendimento das regras de uso quando afirmou que “há regras de uso sem as quais as regras gramaticais seriam inúteis”. Assim, é através dessa

³ O enunciado tem que ser considerado verdadeiro pelos participantes na medida que reflete algo pertencente ao mundo; tem que ser considerado verdadeiro na medida que expressa as intenções do falante e; tem que ser considerado normativamente correto na medida em que afeta as expectativas socialmente reconhecidas.

perspectiva que se busca a relação do extralinguístico com o puramente linguístico para tentar perceber de que maneira o contexto atua sobre o código linguístico. Busca-se assim, entender a relação da produção e da interpretação em um contexto natural de uso. Diferentemente do modelo de código, onde a comunicação consistia na codificação - decodificação do código linguístico, no modelo inferencial tem-se a intenção de produzir certa intenção no ouvinte. Essa intenção é produzida e percebida pelos falantes como resultado do reconhecimento de seus papéis sociais. Assim, de acordo com Schiffrin (1994,p.392):

First, a sender has an internally proposition (...a "thought") that she intends to make accessible to another person. Second, a sender transforms a thought into a set of externally and mutually accessibly signals, here drawing upon knowledge of a code that is shared with an intended recipient of the message. Finally, a sender transmits that thought (...) by conversion of the thought into co-derived signals to its intended recipient then relies upon essentially the same procedures to decode the signal, retrieve the message, and thus access another thought⁴.

Podemos entender, então, que no modelo inferencial o ouvinte é percebido como um espelho do falante, pois as intenções deste último são reflexivas, e é dessa maneira que a comunicação ocorreria. Assim, de acordo com Schiffrin (1994,p.395), "*People share the same linguistic code, as well as the same principles of communication*"⁵.

Dessa maneira, para que a comunicação seja eficiente, deve haver o reconhecimento da intenção comunicativa do emissor e da adequação da resposta a essa intenção. Esse modelo de comunicação é baseado em princípios comunicativos compartilhados, ao invés de apenas um código

⁴ Primeiramente, o falante tem um proposição interna (...um pensamento) que ele pretende tornar acessível para outra pessoa. Em um segundo momento, o falante transforma esse pensamento em um conjunto de sinais externos e mutuamente acessíveis, com base no entendimento de que há um código compartilhado entre falante-ouvinte. Finalmente, o falante transmite esse pensamento (...) pela conversão do pensamento em sinais co-derivados para o ouvinte que se utiliza dos mesmos procedimentos para decodificar o sinal, recuperar mensagem e assim acessar outro pensamento.

⁵ As pessoas compartilham o mesmo código linguístico assim como os mesmos princípios de comunicação.

compartilhado. Tais princípios comunicativos compartilhados são hoje melhor compreendidos pelo Princípio da Relevância (*Relevance Principle*) apresentado por Sperber e Wilson (1986), que baseia-se no Princípio de Cooperação proposto por Grice (1975). O Princípio de Cooperação propõe que o falante deve fazer sua contribuição na conversação, atendendo ao que lhe é solicitado no momento exigido, visando aos propósitos comuns e imediatos. Desse princípio geral proposto por Grice (1975) resultaram quatro máximas, sendo elas:

- 1- Máxima de quantidade (seja informativo). Coopere de modo a informar aquilo que lhe está sendo solicitado e faça com que sua contribuição não seja mais informativa do que o necessário.
- 2- Máxima de qualidade (seja verdadeiro). Não diga aquilo que você considera falso e não diga nada que não possa ser comprovado ou que você não possa fornecer evidência.
- 3- Máxima de relação (seja relevante).
- 4- Máxima de modo (seja claro). Evite expressões ambíguas; evite expressões que possam vir a obscurecer o significado; evite digressões desnecessárias e proceda de modo ordenado.

Hoje, porém, o Princípio da Relevância proposto por Sperber e Wilson (1986), que toma como base o modelo inferencial de Grice (1975), parece explicar melhor o processo de comunicação humana, uma vez que os fatores extralinguísticos recebem maior relevância. Além disso, a máxima de relação é melhor desenvolvida na teoria de Sperber e Wilson e, por isso, seguiremos esses autores para a compreensão do processo da comunicação humana. E, como a comunicação humana nessa abordagem é baseada na racionalidade, ela é compreendida como um processo de interpretação de intenções. É interessante percebermos que diferentemente do modelo de código linguístico, no modelo inferencial de comunicação pode-se compreender a comunicação como algo além daquilo que está codificado linguisticamente. Ou seja, nesse modelo podemos melhor compreender o que não está explicitado

linguisticamente, a informação que se infere a partir de um contexto tal. Além disso, o modelo ostensivo-inferencial de comunicação e o modelo de comunicação codificada atuam conjuntamente, mas apesar do primeiro funcionar sem o segundo, a comunicação codificada só funcionará com o reforço do primeiro.

2.2 A teoria da Relevância

Conforme já apontamos, segundo Sperber e Wilson (1986) na comunicação humana há algo além daquela informação codificada pelo falante e decodificada pelo ouvinte. Assim, a comunicação humana vai além de uma codificação e decodificação de pensamentos, pois no ato da fala se diz muito além das palavras. E, dessa maneira, para entender o que o outro diz é necessário não apenas conhecimentos compartilhados em termos de código, mas princípios comunicativos compartilhados para que se possa entender o não dito. Assim, para que seja entendido esse “algo a mais” é preciso que falante - ouvinte estejam ambos inseridos em um contexto para que a informação seja recuperada.

Para Sperber e Wilson (1986, p.16), o contexto pode ser entendido como: “*A speaker who intends an utterance to be interpreted in a particular way must also expect the hearer to be able to supply a context which allows that interpretation to be recovered*”⁶

2.2.1 Efeitos Contextuais

Para Sperber e Wilson (1986), o conceito de efeito contextual é de suma

⁶ Um falante que pretenda que sua fala seja interpretada de uma maneira específica deve supor também que o ouvinte seja capaz de oferecer um contexto que permita que essa interpretação seja recuperada.

importância para a compreensão do funcionamento da linguagem, pois, para esses autores, quando a informação nova une-se com a informação prévia em um contexto tal, o referido efeito ocorre. A consequência disso é que a relevância do discurso está relacionada com os efeitos contextuais que se geram a partir de sua interpretação, ou seja, a relevância de um discurso está diretamente relacionada com o grau de efetividade de seus efeitos contextuais. Ainda pode haver, no entanto, outro caso onde a informação pode ser relevante, a qual os autores chamam de *contextual implications*. (implicação contextual). De acordo com Sperber e Wilson, a implicação contextual é uma informação nova, uma síntese da informação nova com a informação velha, é o resultado da interação entre as duas. Dessa maneira, de acordo com Sperber e Wilson (1986, p.118), interpretar um enunciado não mais consiste em decodificar o signo linguístico e sim:

[...] it crucially involves working out the consequences of adding this assumption to a set of assumptions that have themselves already been processed. In other words, it involves seeing the contextual effects of this assumption in a context determined, at least in part, by earlier acts of comprehension.⁷

Os autores ainda apresentam outra distinção a ser feita que é a intenção informativa e a intenção comunicativa. A intenção informativa estaria relacionada à intenção de manifestar à audiência uma série de proposições, enquanto a intenção comunicativa, de acordo com os autores, seria “*mutually manifest to audience and communicator that the communicator has this informative intention.*”⁸ (SPERBER e WILSON,1996, p.61).

Dessa maneira, a intenção informativa seria primária enquanto a intenção comunicativa, secundária. Supõe-se que se chegaria à primeira por um processo de ostentação, enquanto a segunda (intenção comunicativa) se

⁷ [...] envolve crucialmente trabalhar as consequências de adicionar essa suposição para o grupo de suposições que já foram processadas anteriormente. Em outras palavras, envolve perceber os efeitos contextuais dessa suposição em um contexto determinado, pelo menos em parte, por atos prévios de compreensão.

⁸ manifestado mutuamente para o ouvinte e o falante que o falante tem essa intenção informativa.

alcançaria por um processo de inferência.

Sperber e Wilson (1986) apresentam o modelo ostensivo – inferencial de comunicação e nesse modelo a noção de ostentação (*manifestness*) é crucial para entendermos o modelo de comunicação proposto por eles. Para os autores : *A fact is manifested to an individual at a given time if and only if he is capable at that time of representing mentally and accepting its representations as true or probably true [...]. To be manifest, then, is to be perceptible or inferable*⁹ (SPERBER e WILSON,1986, p. 39).

No entanto, para que se compreenda a noção de ostentação se faz necessário considerar o entorno cognitivo do indivíduo, sendo este entorno:

{...} An individual's total cognitive environment is the set of facts that he can perceive or infer: all the facts that are manifest to him. An individual's total cognitive environment is a function of his physical environment and his cognitive abilities...¹⁰ (SPERBER e WILSON,1986,p.40).

Nesse sentido, podemos entender a ostentação como algo que se mostra, servindo assim para centrar a atenção do ouvinte na informação pertinente. Ainda segundo os mesmos autores, a qualidade de ser relevante é uma questão de gradação, que depende do interlocutor, e não uma propriedade dos enunciados, visto que a qualidade de ser relevante varia de pessoa para pessoa, assim como varia para uma mesma pessoa em uma situação distinta.

Precisamos também compreender que, para Sperber e Wilson (1986), o fato de um enunciado ser relevante, ou não, não está relacionado com o conhecimento mútuo dos falantes (conhecimento mútuo - conhecimento compartilhado), pois eles não poderiam saber o que cada um compartilha, ou não, em termos de conhecimento. Assim, de acordo com Sperber e Wilson (1986,p.19-21):

⁹ Um fato é percebido por um indivíduo em um determinado momento se e somente se ele é capaz nesse momento de representar mentalmente e aceitar as suas representações como verdadeiras ou provavelmente verdadeiras [...]. Para algo ser manifestado, então, ele deve ser perceptível ou poder ser inferido.

¹⁰ (...) Ambiente cognitivo total de um indivíduo é o conjunto de fatos que ele pode perceber ou inferir: todos os fatos que se manifestam a ele. O ambiente cognitivo total de um indivíduo é uma função cognitiva de seu ambiente físico e de suas habilidades cognitivas ...

"How do speaker and hearer distinguish between what knowledge they share and what they don't share?"[...] mutually knowledge is an ideal, not a reality [...] This hypothesis can not give guarantees.[...]We see the mutually knowledge as untenable. We conclude that the code theory must be wrong¹¹.

Para esses autores o que deve ocorrer é um processo de gradação de relevância. Ou seja, a relevância de um enunciado seria medida em termos de custo-benefício. Assim, quanto mais difícil for para se processar um enunciado menos relevante ele será. Por outro lado, quanto menor for o custo em processá-lo maior será seu efeito contextual e, assim, maior será a sua relevância. Dessa maneira, para Sperber e Wilson (1986), a comunicação humana constitui-se em um processo duplo onde atuam a codificação - decodificação e ostentação-inferência sendo que o primeiro (codificação - decodificação) atua como um primeiro passo para a compreensão completa. Assim, para esses autores: "A comunicação verbal inicia quando o falante é reconhecido não apenas como alguém que está falando [...], mas como alguém que está dizendo algo a alguém" (SPERBER e WILSON,1986, p.177).

Como já apontamos, compreendemos o processo de comunicação de maneira distinta daquela onde falante - ouvinte apenas necessitavam codificar e decodificar uma mensagem. No modelo de comunicação apresentado por Sperber e Wilson (1986), a comunicação ocorre através de um processo onde a compreensão consiste em identificar a intenção informativa do falante. Dessa maneira, estes autores recorrem ao conceito de *explicatura* (*explicature*) e *implicatura* (*implicature*) para explicar o processo de interpretação de enunciados. Para eles a *explicatura* se refere ao conteúdo que se manifesta de forma ostensiva, já a *implicatura* se refere ao conteúdo que se comunica mediante a dedução. Podemos, então, perceber que para que um enunciado seja relevante ele deve primeiramente criar efeitos contextuais (*contextual*

¹¹ Como o falante e o ouvinte podem distinguir entre o que eles compartilham ou não ?" [...] O conhecimento mútuo é um ideal, não uma realidade [...] Esta hipótese não pode dar garantias [...] Entendemos o conhecimento mútuo como insustentável. Nós concluímos que a teoria do código deve estar errada.

effects) e deve, em segundo lugar, gerar pouco esforço de processamento por parte do falante-ouvinte.

Podemos agora, tendo apresentado as bases teóricas mínimas, entender o funcionamento do processo inferencial de comunicação.

Em um primeiro momento, interpretamos um enunciado através de um processo de desambiguação de hipóteses através da gramática, visto que esta apresenta uma série de possíveis interpretações semânticas para cada frase. Em seguida, a memória enciclopédica do ouvinte determina uma série de objetos possíveis que se encaixam com os referentes especificados. A seguir, a recuperação do conteúdo proposicional explicitado do enunciado se produz ao eleger uma única representação semântica para cada frase e designar referentes a cada uma das expressões referenciais. Todo o processo descrito é guiado pelo princípio da relevância, inclusive quando recorre à memória enciclopédica para designar referentes. Dessa maneira, uma vez identificada a forma proposicional e a atitude, o ouvinte pode identificar a proposição expressada pelo falante (SPERBER e WILSON, 1986, p. 180).

A diferença do modelo de Sperber e Wilson (1986) em relação aos demais consiste no fato de que no modelo proposto por esses autores, considera-se que os sujeitos buscam sempre alcançar relevância em seu discurso. Ou seja, os sujeitos sempre buscam efeitos quando falam e/ou leem. A Teoria da Relevância, no entanto, não é aceita completamente por vários autores por ter seu foco marcadamente no processamento da informação. Esse processamento da informação tem uma tendência natural a melhorar o conhecimento de mundo que possui o falante, mas tem seu foco exclusivamente na comunicação enquanto um processo. Ou seja, nessa teoria a comunicação é entendida em termos de processamento e intercâmbio de informação. Como consequência dessa visão de língua, pouco espaço é dado à função social na cognição humana e, conseqüentemente, pouca ênfase é dada à função social da linguagem na sociedade. Dessa maneira, a teoria da Relevância coloca um alto grau de importância no processamento da informação. Com isso, a comunicação humana é percebida como um mecanismo de apreensão daquilo que é relevante e, como consequência, é

compreensível. Nesse sentido, a Teoria da Relevância, explica de maneira coerente o processo de comunicação, mas não considera a linguagem como um fenômeno social e, por isso, acreditamos que a Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987), apresenta fatores outros que complementam o entendimento do processo de comunicação humana. Por isso, apresentaremos com maior profundidade no capítulo III a Teoria da Polidez, visto que esta guiará a análise de nossa pesquisa.

3 CAPÍTULO III

3.1 Polidez

Quando falamos de polidez nesse trabalho não estamos nos referindo à polidez como comportamento político (*politic behaviour*), mas à polidez que se refere ao comportamento mútuo de respeito à imagem alheia. Dessa maneira, podemos entender a polidez como um conjunto de estratégias utilizadas pelos falantes para que seu discurso seja fluido e harmonioso. A pesquisadora Holanda (1995,p.147), apresenta uma boa definição de polidez: "é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas sua sensibilidade e suas emoções".

Percebemos então que a polidez que estamos tratando nesse trabalho se refere ao comportamento linguístico apropriado e que considera as variáveis culturais de sócio-interação. Ou seja, essa teoria está baseada na interação social, na imagem pública dos interlocutores e na negociação contínua da mesma durante a interação comunicativa. A imagem pública é, assim, calibrada segundo o poder relativo dos interlocutores, proximidade ou distância interpessoal e gravidade do ato. Essas três variáveis contextuais (Poder, Distância, Gravidade do ato), são calibradas de modo bastante específico

dentro de um gênero discursivo. Ou seja, os gêneros permitem que os falantes estabeleçam expectativas sobre quais serão os parâmetros de interação reconhecidos por uma comunidade discursiva dada. Apresentaremos abaixo as três variáveis de sociointeração apresentadas por Brown Levinson (1987):

-Poder é o grau com que um dos falantes em uma interação verbal pode vir a impor-se aos demais, com relação às suas intenções, objetivos, assim como a sua imagem pública. Pode-se incluir a codificação linguística implícita ou explícita na diferença de poder social existente entre os participantes da interação verbal. Dessa maneira, se um falante, homem ou mulher, da classe média, com nível superior, escreve a um jornal para os leitores habituais desse jornal, então ambos se encontram na mesma posição em termos de poder. Por outro lado, se o falante redige uma carta endereçada a uma autoridade governamental, a relação hierárquica é assimétrica. Assim, os enunciados de caráter direto, explícito ou implícito, são dirigidos a leitores com maior poder social, fazendo-se necessário o uso de mitigadores com o objetivo de reduzir a ameaça que se supõe na realização de um ato de fala. Há, ainda, a possibilidade de um *expert* em um assunto qualquer emitir sua opinião a um cidadão médio. Nesse caso, a relação é também assimétrica e como o destinatário é inferior em termos de poder, não se faz necessário o uso da cortesia negativa de maneira tão evidente. Podemos representar as relações de poder apresentadas acima dessa maneira: (F) falante; (O) ouvinte.

(F) = (O); (F) < (O); (F) > (O).

-Distância refere-se ao grau de familiaridade ou confiança entre os interlocutores. Há duas situações distintas com relação ao meio de comunicação em que as cartas de opinião ocorrem. Temos a imprensa séria (*quality newspaper*) que na maioria dos casos busca manter um alto grau de distância com seus leitores, e a imprensa que busca uma distância menor com seus leitores (*popular press*). Dessa maneira, se houver confiança e familiaridade entre os leitores então a distância será baixa. Numa carta endereçada a um estranho, a distância é alta. Assim, se o destinatário for o editor de um jornal o falante precisará utilizar-se de estratégias corteses para

proteger a sua face e a do outro. Interessamo-nos em analisar cartas que foram publicadas na imprensa séria, pois como não se aprende espontaneamente a tecer cartas de opinião, visto que é um produto da familiarização dos falantes, e, ainda, como elas ocorrem com um destinatário distanciado, gera-se uma distância alta. Assim, no envio de uma carta de opinião à imprensa séria, o falante terá que fazer uso de estratégias corteses para que sua carta esteja em conformidade com o grau de distanciamento esperado nesse canal de comunicação.

-Gravidade do ato depende do ato de fala (opiniões ou expressão de sentimentos). Assim, os atos que ameaçam a imagem negativa do destinatário, aqueles que ameaçam seu direito de preservar seu território, seu direito de não ser invadido, põe em perigo a cooperação na interação. Por este motivo, quando os falantes preveem perigo na interação, eles acionam uma série de estratégias. Essas estratégias exigem do falante uma avaliação exata da ameaça a sua imagem, assim como à imagem do destinatário. Além disso, exige-se um domínio sociopragmático e sociolinguístico que possa regular seu comportamento verbal de tal modo que suas intenções comunicativas possam ter êxito através do uso de estratégias corteses (BROWN e LEVINSON,1987).

Dessa maneira, como falar é uma atividade social onde os interlocutores estão em constantes trocas verbais, precisamos esclarecer melhor o que viria a ser a imagem pública (face) à qual se referem Brown e Levinson (1987), pois o comportamento oral¹² dos falantes tende a ser reproduzido na escrita, apesar de todas as diferenças existentes entre a fala e a escrita, de maneira a preservar a face de ambos- falante-ouvinte- na comunicação. Assim, nos baseamos no conceito chave de Goffman (1976), onde ele afirma haver o reconhecimento de uma *virtual offence* (ofensa virtual). Assim, a não realização de uma atitude polida não seria tomada meramente como a ausência dessa atitude e, sim, o inverso, como o estabelecimento de uma agressão. Além disso, acreditamos também que as variáveis contextuais apresentadas anteriormente (Poder, Distância, Gravidade do ato), são uma forte evidência

¹² No canal escrito de comunicação o falante precisará utilizar-se dos mesmos mecanismos linguísticos utilizados no canal oral para que suas opiniões sejam compreendidas e/ou respeitadas.

para o uso não arbitrário das estratégias corteses pois para Brown e Levinson (1987,p.04): "quem tem que ser polido para quem é controlado socialmente".

De acordo com esses pesquisadores, a imagem pública vem a ser algo em que investimos emocionalmente e que pode ser perdida, mantida ou melhorada e que deve ser constantemente atendida em uma interação verbal. Dessa maneira, as pessoas geralmente cooperam para a manutenção da imagem pública de ambos (falante-ouvinte). Ou seja, como a imagem pública de cada indivíduo depende da manutenção da imagem pública do outro e, como cada um dos interlocutores pode vir a defender a sua imagem pública, vindo a ameaçar a do outro, há o interesse mútuo em manter a imagem pública de ambos (GOFFMAN, 1976 apud BROWN e LEVINSON, 1987).

Afirmamos anteriormente ao tratarmos a Teoria da Relevância, que quanto menor o custo de processamento maior seria a relevância de um enunciado. Assim, compreendemos o princípio da Relevância como uma propensão natural humana em maximizar o valor informacional do estímulo contextual. Além disso, apesar das máximas de Grice (1957) parecerem estar corretas, o princípio da Polidez de Brown e Levinson (1987) parece estar mais adequado para o fenômeno linguístico que pretendemos observar. Pelo princípio da Polidez podemos entender o porque muitas vezes dizemos mentiras e/ou coisas imprecisas e, mesmo assim, a comunicação ocorre de maneira satisfatória. Assim, na Teoria da Polidez o ato comunicativo pode se realizar de maneira mais eficaz e benéfica através do uso de estratégias corteses e essas, por sua vez, geram um custo maior de processamento. Ou seja, o processamento mais adequado de uma informação ocorre tendo em vista um custo maior para seu processamento, devido ao fato das estratégias corteses poderem modificar o grau de imposição de uma proposição. Assim, as características analisadas pela teoria da Polidez geram diferenças marcantes entre essa última e a teoria da Relevância.

Assim, a teoria da Polidez vem recuperar alguns aspectos da linguagem humana não considerados pela teoria da Relevância e, com isso, o aspecto social da linguagem toma seu lugar de destaque. Temos enfatizado neste trabalho o aspecto social da linguagem e de como o uso da linguagem e o

contexto social se inter-relacionam para guiar o falante a fazer uso de certas estratégias corteses.

Precisamos ainda tornar um pouco mais claro o conceito de polidez e de face, que traduziremos aqui por imagem pública.

Diferentemente da Teoria da Relevância, onde a cognição é a base do processamento da informação, na teoria da Polidez temos um modelo de linguagem baseado na interação social, na imagem pública dos interlocutores e na consequente negociação contínua destes durante a interação comunicativa. Entretanto, quando falamos de imagem pública (face), não estamos apenas tratando da imagem pública que o falante faz de si próprio, mas daquela que ele faz dos outros falantes. Percebemos então que o ato comunicativo realiza-se levando em consideração a imagem que cada um dos interlocutores faz de si próprio e do outro, assim como os mecanismos que cada um terá que utilizar para que a comunicação ocorra de maneira satisfatória. O ato de entender um enunciado é então baseado no entendimento da intenção comunicativa do outro. Assim, de acordo com Brown e Levinson (1987, p. 8): *Our account, like others, basically suggests that understanding is a matter of reconstructing speaker's communicative intentions, and that is done by running a logic of practical reasoning* ¹³.

Como o ato de falar está sempre associado a um contexto tal onde os interlocutores podem apresentar uma proximidade ou distanciamento pessoal e, onde o que se fala pode vir a gerar um comprometimento, pois falar envolve sempre um risco à imagem pública do indivíduo, acreditamos na existência de um mecanismo que rege esse funcionamento. Ou seja, como falar pode vir a tornar-se um ato potencialmente ameaçador a imagem pública do indivíduo, este se utiliza de mecanismos que chamaremos de "estratégias corteses" para que a comunicação seja fluida e para que se evite a perda de imagem (*lose face*). Além disso, utilizamo-nos de mecanismos de manutenção da face alheia, pois sabemos intuitivamente que a face do outro deve ser preservada (*face work*). Assim, os falantes se utilizam de estratégias corteses para salvar a

¹³ Nossa visão, em consonância com outras visões, sugere-nos que o entendimento é alcançado com a reconstrução da intenção comunicativa do falante e, isso, realiza-se através do acionamento de um mecanismo de raciocínio prático.

imagem dos participantes na interação verbal. Podemos claramente considerar, enquanto seres sociais, que o uso das estratégias corteses é altamente necessário para o funcionamento fluido da comunicação, pois, na falta dessas estratégias, nossa comunicação torna-se agressiva e gera danos ao falante-ouvinte. Ou seja, quando deixamos de utilizar as estratégias corteses, deixamos, até certa medida, de respeitar a face do outro e, com isso, a comunicação tende a não fluir satisfatoriamente. Desse modo, quando incorremos em uma interação verbal sem nos utilizarmos de pelo menos algumas estratégias corteses, saímos do jogo de comunicação e adentramos numa área onde a falta de respeito à face alheia leva, muito fortemente, a uma interrupção à comunicação. Quando não nos utilizamos das estratégias necessárias à preservação da imagem alheia, nosso interlocutor tende também a não utilizá-las e, com isso, a comunicação deixa de ser fluida e torna-se uma agressão a ambos (falante-ouvinte).

Acreditamos também que o discurso escrito apresenta várias das características presentes no discurso oral já que em ambos os discursos o falante buscará utilizar-se de mecanismos que protejam a face. Dessa forma, as estratégias negativas e *off record* serão utilizadas no discurso escrito demonstrando consideração a face alheia e contribuindo para que a comunicação ocorra de maneira fluida. Ou seja, mesmo com o aumento da subjetividade presente no texto em decorrência do uso de estratégias corteses, com o uso de nominalizações, impessoalizações, etc, a comunicação ocorrerá de maneira eficaz. Concordamos com Searle (1979,p.31) quando ele afirma que: *In indirect speech acts the speaker communicates to the reader more than he actually says by way of relying on their mutual shared background information, both linguistic and nonlinguistic together with the general powers of rationality and inference on the part of the hearer*¹⁴.

¹⁴ No discurso indireto, o falante comunica ao leitor mais do que ele realmente diz. Ou seja, ele baseia-se na bagagem informacional linguística e não linguística compartilhada por ambos, juntamente com a capacidade racional e de inferência por parte do ouvinte.

3.2 Imagem pública como necessidade

Afirmamos anteriormente que os interlocutores buscam manter a integridade da imagem pública do outro como meio de manter a integridade de sua própria imagem pública (*facework*). Poderíamos, em um primeiro momento, pensar que o respeito à imagem pública do outro é o resultado de normas ou valores subscritos aos membros de uma sociedade. Entretanto, de acordo com Brown e Levinson (1987), a preservação da imagem pública é vista como uma necessidade básica na qual cada membro sabe que o outro também a deseja e que há, pelo menos em parte, o desejo mútuo de ambos em satisfazer tal necessidade. Os falantes ainda evitariam entrar em certas situações, por entenderem que estas podem ser potencialmente ameaçadoras a sua imagem pública (*Face Threatening Acts, FTAs*). Assim, para Brown e Levinson (1987), a imagem pública apresenta dois componentes, sendo eles:

Face negativa: a necessidade de cada membro adulto competente de uma sociedade que suas ações não sejam impedidas por outras pessoas.

Face positiva: a necessidade de cada membro adulto competente de uma sociedade que seus desejos sejam almeçados por pelo menos alguns interlocutores.

Assim, para que os falantes possam ter suas imagens públicas respeitadas na interação verbal e possam superar problemas como a distância, a hierarquia entre os falantes e a gravidade do ato, eles se utilizam de estratégias corteses, pois como cada indivíduo possui uma imagem pública ela deve ser levada em consideração na interação com outros falantes. As estratégias de polidez são necessárias para que não se perca a imagem pública própria e/ou a do ouvinte. Para que a face positiva e/ou negativa dos interlocutores seja respeitada, ambos farão uso de estratégias dependendo de variáveis sócio-contextuais como: Poder, Distância e Gravidade do ato. Explicitaremos abaixo as estratégias corteses utilizadas pelos falantes e suas relações com a face dos

falantes (*Bald on record*, Polidez Positiva, Polidez Negativa, *Off record*) e seus procedimentos (BROWN e LEVINSON,1987).

3.2.1 *Bald on Record*

Consideramos que a estratégia *bald on record* está em conformidade com as máximas de Grice (1975): Máxima de Qualidade; diga a verdade, seja sincero; Máxima de Quantidade ; não diga mais do que é necessário, não diga menos do que é necessário; Máxima de Relevância; seja relevante; Máxima de Maneira; seja claro, evite a ambiguidade ou a obscuridade.

Sabemos que essas máximas, no entanto, não devem ser tomadas como guias a serem seguidas numa conversa natural. O que devemos ter em mente é que essas máximas atuam em um nível mais profundo e levam os falantes a fazerem o trabalho inferencial que permeia o conteúdo proposicional de uma mensagem (BROWN e LEVINSON, 1987,p.95).

Percebemos, então, o uso da estratégia *bald on record* toda vez que o falante deseja realizar um FTA com eficiência máxima e esse desejo for maior que o desejo de manutenção da face do ouvinte. Há, no entanto, diferentes motivações para a realização do FTA com máxima eficiência. É possível dividir os FTAs da estratégia *bald on record* em dois grupos. Em um deles a agressão à face não é minimizada, sendo a face ignorada ou irrelevante. No segundo grupo, a ameaça à face é minimizada por implicação. No primeiro caso, por exemplo, quando a eficiência máxima é muito importante e falante e ouvinte estão cientes de tal necessidade, não é necessário nenhum mecanismo de reparação à face. Quando um falante emite: "Help", não sendo necessário e/ou esperado que ele diga: " *Please help me, if you would be so kind*". (Por favor me ajude, se você puder fazer essa gentileza).

Desse modo, em certas circunstâncias é razoável que o falante suponha que o ouvinte irá preocupar-se com sua infração em potencial na preservação da face do falante. Nessas circunstancias, é natural que o falante busque

minimizar a possível ansiedade causada no ouvinte convidando-o a afetar a preservação da sua imagem, ou seja, a imagem do falante (BROWN e LEVINSON,1987,p.99).

3.2.2 Polidez Positiva

A polidez positiva é direcionada à face positiva do ouvinte, ou seja, a auto-imagem que ele afirma para si próprio. Dessa maneira, a polidez positiva refere-se ao desejo do falante de que seus desejos, ações, aquisições e valores sejam desejáveis por outrem. Assim, o uso do *redress* (reparo) consiste em satisfazer parcialmente o desejo exposto acima através da comunicação dos desejos do falante (ou parte desses desejos) que são em parte similares aos desejos do ouvinte. Ou seja, podemos entender a polidez positiva como a demonstração da apreciação daquilo que é do outro e/ou como a demonstração de similaridade entre o falante e o ouvinte. Nesse tipo de polidez trata-se o interlocutor como pertencente ao mesmo grupo social do falante e as características do ouvinte são consideradas positivas e/ou admiradas. Entendemos, então, que o ouvinte é considerado como possuidor dos mesmos direitos e deveres do falante e, além disso, há também uma expectativa de reciprocidade para com os seus atos. Como o falante trata o ouvinte como pertencente ao seu grupo, ele também deseja ser tratado da mesma forma. Podemos caracterizar a polidez positiva como a demonstração de solidariedade para com o ouvinte. Além disso, a realização de um *FTA* não significa uma avaliação negativa com relação à face do ouvinte (BROWN e LEVINSON,1987,p.70).

Uma maneira interessante de percebermos a polidez positiva é que as estratégias utilizadas pelos falantes têm como objetivo estabelecer um terreno comum entre falante e ouvinte. Assim, abordaremos de maneira mais detalhada, o funcionamento dessa estratégia, apresentando também alguns exemplos de como os falantes se utilizam da polidez positiva, uma vez que um

dos objetivos neste trabalho é apresentar evidências da busca contínua do falante em satisfazer às necessidades da face.

Afirmamos que a estratégia utilizada na polidez positiva é o estabelecimento de um terreno comum entre falante e ouvinte. Essa estratégia pode ocorrer de três maneiras distintas. Na primeira delas, o falante expressa que algum desejo, objetivo ou objeto desejado pelo ouvinte é também admirado ou interessante para o falante. A segunda possibilidade é aquela em que o falante procura enfatizar que falante e ouvinte pertencem a um grupo que compartilha os mesmos desejos e valores. Já na terceira estratégia, o falante busca persuadir o ouvinte a acreditar que ambos pertencem ao mesmo grupo, sem, no entanto, enfatizar tal irmandade (BROWN e LEVINSON, 1987,p.103).

Apresentaremos nesse momento algumas estratégias utilizadas pelos falantes para estabelecer um terreno comum.

Na primeira estratégia, o falante procura notar os interesses, desejos, necessidades e posses do ouvinte. Um bom exemplo seria: "*Goodness, you cut your hair! (...) By the way, I came to borrow some flour*". [Meus Deus, você cortou o cabelo! (...) Aliás, eu vim te pedir emprestado um pouco de farinha].

Na segunda estratégia o falante busca demonstrar interesse, aprovação ou simpatia pelo ouvinte através do exagero. Essa estratégia é alcançada através de uma entonação exagerada, stress, assim como modificadores intensificadores como nesse exemplo em língua Inglesa: "*What a fantastic garden you have!*" [Que jardim maravilhoso você tem!].

Há, ainda, uma estratégia utilizada na polidez positiva na qual o falante busca por um acordo. Essa estratégia pode ocorrer através do uso de tópicos seguros para o falante e para o ouvinte ou ainda com o uso da repetição. No primeiro caso, temos o uso de um tópico seguro, o clima, por exemplo, onde o falante quer enfatizar a concordância com o ouvinte fazendo-o sentir-se correto ou corroborar suas opiniões. É interessante notarmos que uma característica dessa estratégia consiste em procurar por aspectos onde falante e ouvinte possam concordar sobre algo, assim como a manutenção dessa concordância. Ou seja, se o vizinho de uma pessoa, por exemplo, compra um carro grande e, muito provavelmente, altamente poluidor, e a outra pessoa é altamente

preocupada com a situação do planeta, devido aos altos índices de poluição, essa pessoa poderia dizer algo como: "*Isn't your new car a beautiful color?*" [[A cor do seu carro novo é linda, né?].

Há, também, a estratégia utilizada na polidez positiva na qual o falante deseja evitar o desacordo. Assim, o falante procura concordar com o ouvinte ou parecer que concorda com ele e, nessa busca, criam-se mecanismos para realizar a concordância resultando em exemplos de "*token agreements*" (acordos fingidos) (BROWN e LEVINSON, 1987, p.114).

Outro procedimento utilizado pelo falante para evitar um desacordo com seu interlocutor é o uso de "*white lies*" (mentiras sociais). Nesse caso, quando o falante estiver em uma situação em que ele tenha que emitir uma opinião que possa gerar um desacordo por parte do ouvinte, o falante irá, provavelmente, mentir. O interessante dessa estratégia é que seu uso está bastante presente na sociedade ocidental, como podemos verificar no conto "*White lies*" escrito por Glenda Adams onde a sentença inicial é: "*Sometimes I tell lies, and sometimes I only tell stories, but never with intent to harm. I only want to please people and make them happy*". [As vezes eu conto mentiras mas nunca com a intenção de ferir. Eu apenas quero agradar as pessoas e fazê-las felizes] (ADAMS, 1976).

Uma estratégia bastante interessante utilizada na polidez positiva é o uso de *hedging opinions* (opiniões suavizadas). Nessa estratégia o falante busca ser vago com relação a sua opinião para que não pareça discordar do seu ouvinte. Normalmente, o uso de *hedges* está associado à polidez positiva. Também o uso de intensificadores é utilizado para "alimentar" a face positiva do ouvinte com o uso de palavras que enfatizem alguma característica como: *fantastic, marvelous, outrageous, etc.* Na polidez negativa, por outro lado, os *hedges* são utilizados para tornar a opinião de um falante vaga através do uso de: "*sort of, kind of, like, in a way*". Assim, o falante utiliza-se de sentenças como: "*I really sort of think*", "*It's really beautiful, in a way*", "*I kind of want Florin to win the race, since I've bet on him*", etc. [Eu meio que acredito, é bonito de uma certa maneira, eu meio que quero que o Florin vença uma vez que eu apostei nele, etc].

O interessante dessa estratégia é que o uso de expressões como "*sort of*" em um *FTA* pode vir a marcar a palavra que se pretende modificar como sendo uma metáfora, deixando a tarefa de como interpretar a sentença para o ouvinte e, assim, suaviza-se a opinião do falante pois ele não se compromete inteiramente com o aquilo que diz. Ou seja, ele realiza as necessidades de sua face positiva emitindo sua opinião sem, no entanto, se impor ao ouvinte pois esse pode não concordar com o falante. Dessa maneira, o uso de *hedges* gera um grau de conhecimento mútuo entre falante e ouvinte e, assim, o falante solicita que o ouvinte se utilize de seu conhecimento mútuo para interpretar a atitude do falante (BROWN e LEVINSON,1987,p.116 - 117).

Todas as estratégias apresentadas acima referem-se a tentativa de satisfazer a face positiva do ouvinte. Assim, sendo o ser humano um ser moldado sócio-culturalmente, haveria um mecanismo de preservação no qual onde todos os falantes competentes possuiriam uma face negativa e outra positiva. A interação verbal ocorreria levando em consideração a face de cada um dos interlocutores e dependendo da situação, cada falante, (independentemente da língua em que tais falantes se comunicam). Haveria uma tendência a escolher as mesmas estratégias corteses, com algumas variações com relação a quem deve respeitar quem. Assim, se o desejo fosse o de buscar a participação do ouvinte para a realização de uma certa atividade, ou se o desejo fosse o de minimizar o risco de um ato *FTA* o falante buscaria demonstrar e/ou buscar a cooperação do ouvinte afirmando haver entre ambos uma identificação. Essa identificação pode ser criada através de estratégias corteses em que o falante leva em consideração a face positiva de seu interlocutor, demonstrando direta ou indiretamente, conhecer os desejos, necessidades, etc do ouvinte. Outro campo que nos oferece exemplos claros da existência de um mecanismo social onde as interações linguísticas levam em consideração a existência da face, é a literatura. Na obra "*Death of a salesman*" (A morte do caixeiro viajante), escrita pelo escritor Arthur Miller, podemos perceber o posicionamento dos personagens em direção às necessidades da face do outro, assim como da sua própria face. Em vários momentos da peça podemos claramente perceber os personagens emitindo

enunciados onde às necessidades da face não apenas são verbalizadas, mas exigidas. Temos, por exemplo, o momento em que o personagem principal, "Willy Lowman" afirma que outro personagem da estória não é benquisto e, por isso, não tem valor: "*He's liked, but he's not well liked.*" (Ele é benquisto, mas não tão bem quisto assim). Ou ainda, quando o personagem principal (Willy) afirma seu valor em: "*I'm the New England man. I'm vital in New England*". [Eu sou o novo homem inglês, eu sou vital na Inglaterra] (MILLER,1961).

3.2.3 Polidez Negativa

A polidez negativa é uma ação reparadora direcionada à face negativa do ouvinte. Esse tipo de polidez funciona através da minimização da imposição que um *FTA* inevitavelmente realiza. Além disso, na cultura ocidental a polidez negativa é uma estratégia já elaborada e convencionalizada para a reparação de um *FTA*.

Uma das estratégias utilizadas na polidez negativa consiste em ser direto. No entanto, essa estratégia entra em conflito com a necessidade em se reparar um *FTA* que é geralmente alcançado através de procedimentos de atenuação. A necessidade de se realizar um *FTA* de maneira direta está associada a necessidade de se evitar a obscuridade e/ou a prolixidade. Assim, um falante escolherá realizar um *FTA* abertamente se ele considerar que o ouvinte é superior em termos de poder e, por isso, seu tempo é valioso. Já se um falante decidir-se por realizar um *FTA* indiretamente, a motivação será a de não coagir o ouvinte (BROWN e LEVINSON,1987,p. 130).

Na estratégia negativa de realizar um *FTA* indiretamente, há duas forças atuantes: a vontade de oferecer uma "saída" para o ouvinte, sendo ao mesmo, tempo indireto; e o desejo de realizar um *FTA* abertamente. Assim, busca-se uma conciliação por meio do "*convencional indirecteness*" (indiretividade convencionalizada) através do uso de frases ou sentenças que apresentem

sentidos não ambíguos que são diferentes de seus sentidos literais. Dessa maneira, o enunciado realiza-se abertamente enquanto o falante indica que preferiria ter realizado o *FTA* indiretamente. O uso indireto na realização de um *FTA* pode ser melhor compreendido através desses dois exemplos: "*Why are you painting your house purple?*"; e, "*Why paint your house purple?*" [Por que você está pintando a sua casa de roxo?]; [Por que pintar a sua casa de roxo?]. No primeiro caso, o sentido literal da sentença pode ser uma pergunta inocente, motivada pela curiosidade ou ainda uma crítica. Com essa estratégia, o falante comunica seu desejo de realizar um *FTA* indiretamente (*off record*). Já no segundo exemplo, a ausência de marcação de tempo e do auxiliar podem apenas indicar uma crítica. Com isso, os atos de fala indiretos (*indirect speech acts*) funcionam com atenuadores (*hedges*) na força ilocucionária de um ato (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 134).

Dentro da estratégia negativa podemos incluir ainda duas forças atuantes no mecanismo de preservação da face. Assim, quando um falante incorre em uma interação verbal, ele pode assumir duas posturas: ser pessimista- o falante presume que o ouvinte não está disposto a realizar um ato qualquer ou que o ouvinte não é capaz de realizar um ato imposto a ele- ou o falante não presume que o ouvinte não está disposto a realizar um ato imposto a ele. Essas possibilidades para a realização de um ato indiretamente parecem ser universais visto que diferentes línguas se utilizam de "*indirect speech acts*". Percebe-se, então, que quanto maior for o esforço empregado na preservação da face do ouvinte, maior será a percepção, por parte do ouvinte, de que o falante deseja respeitar a sua face (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 136).

3.2.4 Estratégias Indiretas

Afirmamos anteriormente que a interação humana é guiada por um mecanismo de vulnerabilidade mútua. Assim, os falantes irão evitar certos atos que sejam atos ameaçadores à face ou irão empregar certas estratégias para

minimizá-los. Dessa maneira, o falante irá levar em consideração o peso relativo de três necessidades: a necessidade de comunicar o conteúdo de uma *FTA*; a necessidade de ser eficiente ou a urgência de tal ato; e a necessidade de manter a imagem pública até certa medida. A menos que a segunda proposição seja maior que a terceira, o falante vai querer minimizar a ameaça de seu *FTA*.

Um falante escolherá realizar um ato *A on record* (abertamente) se estiver claro para os participantes da intenção comunicativa o que o guiou para tal ato. Podemos considerar, por exemplo, um falante que diga: “*I (hereby) promise to come tomorrow*”, [eu prometo que virei amanhã] e caso todos os participantes souberem que em emitir tal afirmação ele está se comprometendo a uma ação futura, então esse falante estará se comprometendo *on record* (abertamente). Temos, também, formulações linguísticas que podem ser realizadas *baldly, without redress*. (abertamente, sem reparo). Esses atos envolvem uma formulação mais direta, clara, concisa e não ambígua. Quando, por exemplo, um falante diz: “*Do X!*”. Geralmente um *FTA* será realizado dessa maneira se o falante não temer represálias por parte do ouvinte. Ou seja, falante e ouvinte concordam tacitamente que a relevância da exigência em se manter a imagem pública pode ser suspensa a favor da urgência e da eficiência; quando o perigo a imagem pública do ouvinte é pequeno, como em oferecimentos, pedidos e sugestões que são claramente do interesse do ouvinte e que não requerem grandes sacrifícios do falante; e, quando o falante é amplamente superior, em termos de poder, ao ouvinte ou pode contar com o apoio do público em destruir a imagem pública do ouvinte sem destruir a sua própria.

Por outro lado, se um falante decide seguir *off record* (indiretamente) ao realizar uma ação *A*, então há sinais que o falante não pretende comprometer-se com aquilo que diz e/ou faz. Se, por exemplo, um falante diz: “*Damn, I’am out of cash, I forgot to go to the bank today*”, (Droga, eu estou sem dinheiro, eu esqueci de ir ao banco hoje) ele pode ter a intenção de fazer com que emprestem dinheiro a ele sem ter que se comprometer com tal comentário (BROWN e LEVINSON, 1987,p. 68-69).

Dessa maneira, se um falante decidir-se por realizar uma ato *off record*

(indiretamente) ele precisará dar alguma pista para o ouvinte e torcer para que o ouvinte interprete-a corretamente. Assim, para que o falante consiga realizar o seu ato *off record* ele precisará convidar o ouvinte a perceber uma implicatura conversacional, violando, assim, as máximas de comunicação eficiente propostas por Grice. Ou seja, ao ouvinte é colocada a tarefa de se perguntar: Por que o falante disse aquilo do jeito que ele disse? e, assim, o falante precisará também violar a máxima da eficiência de uma maneira tal que a interpretação a ser realizada pelo ouvinte seja a interpretação desejada (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 213).

Entendemos, então, que realizações linguísticas *off record* incluem metáforas, ironia, perguntas retóricas, eufemismo, tautologias e todos os outros tipos de dicas que um falante possa vir a utilizar para comunicar-se sem precisar ser direto e, assim, o sentido torna-se, até certa medida, negociável.

O interessante de estudarmos as estratégias de polidez é que podemos perceber que qualquer falante racional tenderá a escolher o mesmo grupo de estratégias sobre as mesmas condições, ou seja, fará os mesmos movimentos como qualquer outro falante faria sob as mesmas condições.

Quando estamos tratando de estratégias de polidez, precisamos considerar outro aspecto que faz com que as interações verbais ocorram de maneira mais fluida o qual vários autores chamaram de *hedges*. Dentro dos procedimentos atenuadores, iremos considerar a polidez mitigadora (*hedging*) que pode se realizar de várias formas distintas

Em alguns casos os atenuadores (*hedges*) são capazes de esconder a verdadeira atitude do falante e são suscetíveis de veicular todo tipo de manipulação textual. Como consequência, não há limite para o número de expressões linguísticas que possam vir a ser usadas com esse objetivo, tais como: pronomes, partículas, verbos, etc. Não usar um atenuador, em muitos casos, resultará na violação em manter a imagem pública. Nesse sentido, Brown e Levinson afirmam (1987, p. 165):

"Quality hedges may suggest that the speaker is not taking full responsibility for the truth of his utterance, (I think, I believe, assume), or S's commitment (I

absolutely deny...), or disclaim the assumption that the point is to inform (as you know...)".¹⁵

Ha, ainda, atenuadores que indicam dúvida acerca da verdade de uma proposição como: "*it seems that*", e outras que indicam graus de probabilidade (*probably, just, might*); de quantidade como: *more or less, approximately*. Também temos o uso de atenuadores que revelam graus de relevância quando o falante pede desculpas pela mudança de tema como por exemplo: "*This may not be relevant*" (BROWN e LEVINSON,1987,p168).

Os atenuadores apresentados são extremamente importantes na hora de minimizar os atos potencialmente ameaçadores como a expressão de uma opinião discordante ou crítica, pois como afirmam Brown e Levinson, (1987,p.168):

*Quality hedges that weaken S's (speaker's) commitment may redress advice or criticism while those that strengthen are useful for making promises. Quality hedges may be used to redress complaints or requests. Relevance hedges are useful ways of redressing offers or suggestions. And manner hedges can be used to redress all kinds of FTA.*¹⁶

Outros autores já se utilizaram desse termo "*hedge*" e expuseram sua visão a despeito de seu funcionamento. Nesse trabalho, contudo, iremos trabalhar com a visão de Brown e Levinson. De acordo com esses autores (1987,p.145), a polidez mitigadora (*hedge*) constitui-se em uma polidez tanto positiva quanto negativa dependendo de como é empregada. Assim, quando emitimos opiniões potencialmente ameaçadoras nos utilizamos de estratégias negativas que se realizam através de expressões como: *I suppose, I think that, I guess*. Podemos ainda nos utilizar de expressões mais ambíguas para que nossas

¹⁵ Atenuadores qualificadores sugerem que o falante não se responsabiliza completamente pela verdade do enunciado que ele tenha proferido (Eu acho, eu acredito, eu presumo) ou que ele se exclui absolutamente.

¹⁶ Atenuadores qualificadores que enfraquecem a proposição realizada pelo falante podem reparar um conselho ou crítica, enquanto aqueles que aumentam a força de um proposição são úteis para realizar uma promessa. Assim, atenuadores podem ser usados para reparar reclamações ou pedidos. Atenuadores de relevância são úteis para reparar oferecimentos ou sugestões. E, atenuadores de maneira podem ser usadas para reparar todos os tipos de Atos Ameaçadores à Face).

opiniões não venham a incomodar o leitor-ouvinte, como “*This is a kind of*” (Este é um tipo de). O fenômeno da polidez mitigadora pode ser entendido como um mecanismo de proteção da imagem pública do falante, visto que a interação verbal gera um risco, comprometimento (BROWN e LEVINSON, 1987). Assim, o uso de *hedges* aparece na teoria da Polidez com duas funções principais. A primeira consiste no uso do *hedge* como estratégia positiva com o objetivo de minimizar uma opinião tornando-a mais ambígua. A segunda estratégia é uma estratégia negativa, quando, por exemplo, a falante faz uso de uma expressão como: “*I think*”. Nesse caso, o falante não se compromete totalmente com aquilo que diz.

4 CAPITULO IV

4.1 Aprendizagem pragmática

O campo da competência pragmática não é de fácil delimitação e em nossa dissertação constitui-se como um dos pilares principais. Como pretendemos averiguar o domínio dos locutores aprendizes frente à tessitura de uma carta de opinião e, como nessas cartas o locutor aprendiz necessita utilizar-se dos recursos corteses (apresentamos as estratégias corteses em detalhe no capítulo III) necessários para que suas ações verbais apresentem-se adequadas socialmente dentro do gênero discursivo carta de opinião, buscaremos apresentar de que maneira compreendemos o ensino pragmático. Além disso, a competência sociolinguística leva necessariamente ao uso e/ou domínio das estratégias corteses visto que esse domínio relaciona-se diretamente com o domínio pragmático de uma língua. Assim, a competência pragmática relaciona-se ao comportamento adequado em um canal de comunicação e, em nosso caso, acreditamos que o uso adequado das estratégias corteses (quando do entendimento da existência de uma imagem pública) será necessário para que se alcance a competência pragmática.

Acreditamos também que mesmo passadas três décadas desde o surgimento do termo Abordagem Comunicativa (*Communicative Approach*) no campo da aquisição de segunda língua, seu entendimento e aplicação ainda é algo um tanto obscuro. Sabemos que nos dias atuais tornou-se lugar comum o uso do termo *Communicative Approach* para toda e qualquer abordagem que não se baseie na abordagem estritamente gramatical. Todavia, sabemos que ainda faltam subsídios teóricos e/ou práticos que proporcionem aos professores de língua estrangeira a aplicação do *Communicative Language Teaching* (CLT). Sabemos também que nem todos os contextos de ensino-aprendizagem requerem a aplicação do *Communicative Language Teaching* (CLT), mas, em todos aqueles em que tal abordagem se faça necessária para o desenvolvimento da habilidade oral e/ou escrita do locutor-aprendiz, os professores carecem de um maior entendimento de tal abordagem. Acreditamos também que uma abordagem mais reflexiva, com relação ao ensino-aprendizagem, deve ser constantemente buscada e, por isso, acreditamos que uma prática pedagógica onde se desenvolva a percepção no uso da língua alvo se faz necessária para que aprendizes e professores possam desenvolver-se plenamente na língua alvo. De acordo com Thompson (1996), o princípio guia do *Communicative Language Teaching* é a necessidade de desenvolver a competência comunicativa do aprendiz com base na hipótese de que a comunicação é o fim e o meio para a aprendizagem de uma língua. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Alcón (2000), afirma que o desenvolvimento da competência linguística, através do foco na gramática, vocabulário e pronúncia, tem se mostrado insuficiente para o desenvolvimento da competência comunicativa. A consequência dessa limitação é o atual foco no desenvolvimento da competência pragmática e estratégica. Assim, pretendemos neste tópico apresentar algumas visões sobre essa abordagem e traçar algumas possíveis aproximações entre as diferentes visões sobre o tema. Acreditamos que o resultado da lacuna no entendimento do ensino pragmático resulta, ainda, em um elevado número de instituições de ensino que prometem fluência em um curtíssimo espaço de tempo de um lado, e, do outro lado, inúmeros aprendizes que mesmo após anos de instrução não se

sentem seguros para falar a segunda língua com confiança. Ou seja, tais aprendizes apesar de dominarem bem, até certo ponto, o conhecimento fonológico, lexical e gramatical da língua alvo, não dominam seu uso pragmático. Como profissionais do ensino de língua estrangeira, temos a impressão de que os aprendizes, muitas vezes, comportam-se como se estivessem em uma peça onde as falas foram distribuídas, mas ninguém sabe qual é o seu personagem. Ou seja, os aprendizes brasileiros não parecem estar adquirindo o conhecimento pragmático que os habilitaria a utilizar-se das variáveis contextuais: poder, distância, gravidade do ato de maneira mais adequada.

Apresentaremos nas páginas seguintes quais habilidades precisam ser desenvolvidas nos aprendizes de língua estrangeira e em que moldes visualizamos o ensino pragmático da segunda língua.

4.2 *The Common European Framework*

Seguiremos na explanação sobre o ensino pragmático as idéias sobre ensino pragmático apresentadas pelo *Common European Framework* de Referência (2001,p. 28). Assim:

*The approach adopted here, generally speaking, is an action-oriented one in so far as it views its users and learners of a language primarily as 'social agents', i.e. members of a society who have tasks [...] to accomplish in a given set of circumstances in a specific environment and within a particular field of action.*¹⁷

O *Common European Framework* (2001) apresenta com clareza aquilo que os aprendizes necessitam aprender para dominar uma segunda língua e poder utilizá-la comunicativamente. Ele especifica quais conhecimentos e habilidades precisam ser desenvolvidos para que o aprendiz possa atuar linguisticamente

¹⁷ A abordagem adotada, no geral, é orientada para a ação e percebe os usuários e aprendizes de uma língua como agentes sociais, membros de uma sociedade que tm tarefas [...] e realizam essas tarefas em um conjunto de circunstâncias em um ambiente específico e dentro de um grupo particular de ação.

de maneira adequada. Apresenta também os níveis de competência que permitem medir o progresso do aprendiz. Além disso, ao decompor a competência linguístico-comunicativa em subcompetências separadas, ele propõe a identificação de necessidades e objetivos. Desse modo, não há separação absoluta das subcompetências, uma vez que elas são interdependentes. Entendemos então que o *Common European Framework* é um quadro de referência aberto e flexível e, conseqüentemente, ele pode ser adaptado a diferentes contextos educacionais. Além disso, outra consequência dessa visão flexível é a possibilidade da instrução formal do discurso escrito com um recorte pragmático, possibilidade essa que acreditamos ser uma ferramenta metodológica eficaz para o ensino da segunda língua.

O *Common European Framework* é de extrema relevância quando pretendemos oferecer ao aprendiz de língua estrangeira um ensino que o capacite a comportar-se adequadamente na segunda língua. Além disso, ele nos oferece de maneira clara aquilo que o aprendiz precisa aprender para utilizar a segunda língua de maneira comunicativa e quais habilidades ele precisa desenvolver para atuar efetivamente na segunda língua. Pode-se considerar que a competência comunicativa, de acordo com o *Common European Framework*, consiste de componentes como: competência linguística, competência sociolinguística e competência pragmática. Cada um desses elementos constitui o conhecimento e habilidade para saber como comportar-se adequadamente na segunda língua. Além dessas competências há outras que não estão ligadas tão fortemente ao conhecimento linguístico e, como acreditamos que tais competências interferem na competência linguística apresentada por um aprendiz passamos a apresentá-las.

O conhecimento de mundo é uma das competências que estão presentes em todos os indivíduos e é através desse conhecimento que o indivíduo é capaz de fazer previsões com relação a uma situação específica. Esse conhecimento constrói-se ao longo da vida de um indivíduo e resulta no conhecimento da construção gramatical e do vocabulário a ser utilizado na língua alvo (*Common European Framework*, 2001, p.101).

O conhecimento sociocultural refere-se ao conhecimento da sociedade e da

cultura na comunidade na qual a língua alvo é falada. Uma característica dessa modalidade é que, diferentemente de outras habilidades, o conhecimento prévio apresentado pelo aprendiz pode vir a levá-lo a criar alguns estereótipos com relação a língua alvo (*Common European Framework*, 2001, p.104).

A consciência intercultural é outra competência de extrema relevância quando pensamos em um ensino que capacite o aprendiz a comportar-se adequadamente na língua alvo. Uma das características dessa competência é a habilidade que o aprendiz necessita desenvolver para reconhecer as diferenças e similaridades entre a cultura de origem e a cultura da língua alvo. Essa consciência intercultural refere-se também à consciência de como uma comunidade é vista por um membro de outra sociedade (*Common European Framework*, 2001,p. 106).

Para que as intenções comunicativas de um falante possam ser realizadas com base nas competências gerais apresentadas acima, outras competências com um caráter mais específico precisam ser desenvolvidas. Apresentaremos a partir de agora quais competências um aprendiz de segunda língua precisa desenvolver para comunicar-se eficazmente na língua alvo.

A competência linguística refere-se ao domínio de competências que estão mais diretamente ligadas ao domínio da segunda língua, enquanto um sistema constituído de regras. Assim, a competência linguística envolve outras competências sendo elas: competência lexical, competência gramatical, competência semântica, competência fonológica, competência ortográfica e competência ortoépica.

A competência lexical envolve o conhecimento e a habilidade em utilizar o vocabulário da língua alvo, sendo esse domínio ligado a elementos lexicais e gramaticais. Assim, o aprendiz precisará dominar uma ampla gama de elementos lexicais tais como: expressões fixas, provérbios, expressões idiomáticas, etc. Já os elementos gramaticais envolvem o domínio de classes de palavras na língua alvo tais como: artigos, quantificadores, pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, verbos auxiliares, etc (*Common European Framework* , 2001,p.111).

A competência gramatical refere-se ao conhecimento e habilidade em utilizar

os recursos gramaticais da língua alvo. Assim, a competência gramatical envolve a habilidade em compreender e expressar sentido através de produção e reconhecimento da formação de sentenças corretas em oposição à mera memorização de sentenças (*Common European Framework*, 2001, p. 115).

A competência semântica refere-se a consciência e controle apresentados pelo aprendiz na organização do sentido de uma sentença. Podemos considerar que a competência semântica pode ser dividida entre a semântica lexical (que se refere a questões relacionadas ao sentido das palavras); a semântica gramatical que se refere ao sentido de elementos gramaticais e a processos e categorias estruturais; e a semântica pragmática que se refere a relações como a pressuposição, vinculação, implicatura, etc).

A competência fonológica refere-se ao conhecimento e habilidade em perceber e produzir os elementos sonoros na língua alvo e, conseqüentemente, as possíveis distinções fonéticas que gerem diferenças na produção e compreensão da língua alvo (*Common European Framework*, 2001, p. 114-116).

A competência ortográfica envolve o conhecimento e a habilidade em perceber e produzir os símbolos nos quais uma língua é escrita. Dessa maneira, o aprendiz deve conhecer a forma impressa e a forma cursiva da língua alvo; a soletração correta das palavras assim como as formas contraídas; sinais para pontuação e suas respectivas convenções para o uso; convenções tipográficas e suas variações com relação à fonte, e, sinais logográficos e suas convenções para o uso comum como: \$,&,e.g, etc)

A competência ortopéica envolve o conhecimento que um aprendiz precisa apresentar para ler em voz alta um texto ou utilizar pela primeira vez no discurso oral palavras vistas na forma escrita. Assim, essa habilidade envolve o conhecimento das convenções de soletramento, a habilidade para consultar um dicionário e reconhecer as convenções utilizadas para a representação dos sons, o conhecimento das implicações das formas escritas, especialmente os sinais de pontuação para realizar uma paráfrase e/ou entonação e, ainda, a habilidade para resolver homônimos e/ou ambigüidades sintáticas em um determinado contexto.

Com a exposição das competências a serem desenvolvidas por um aprendiz de língua estrangeira para que o mesmo seja considerado um falante competente, podemos concluir que o aprendiz necessitará desenvolver não apenas as habilidades relacionadas ao uso da língua enquanto um sistema, mas a percepção que ele deve apresentar do funcionamento social da língua. Além disso, o desenvolvimento das habilidades que tornarão um aprendiz competente linguisticamente requer um tempo considerável de estudo. Assim, dentro de parâmetros realistas, a aprendizagem-aquisição da língua alvo exige o desenvolvimento de uma gama de habilidades linguísticas.

Apresentaremos, nesse momento, o posicionamento teórico de alguns pesquisadores com relação à competência comunicativa, visto que essa é a habilidade que buscamos compreender para que possamos propor um ensino pragmático onde o aprendiz possa melhor desenvolver suas habilidades comunicativas. Apresentaremos as ideias dos pesquisadores (Hymes, Canale, Saville-Troike) a despeito da competência comunicativa. As ideias desses pesquisadores, apesar de algumas diferenças, estão em consonância, e, por isso, buscaremos uni-las no decorrer da apresentação das mesmas.

4.3 A perspectiva de competência para Hymes

Inicialmente apresentaremos as ideias propostas por Hymes, visto que elas, de alguma maneira, resgatam a proposta de competência apresentada por Chomsky (1965). Dessa maneira, Hymes não minimiza a competência gramatical, uma vez que ela é parte integrante da relevância cultural. Assim, um falante necessita do conhecimento gramatical mas também precisa conhecer o significado que se gera dentro de uma comunidade de fala. Nesse sentido, um evento comunicativo é constituído por elementos como: local, participantes, fins, sequência de atos, instrumentos, normas de interação, interpretação e gênero. Esses elementos são considerados *contextos de fala*

na qual uma interação verbal real ocorre. Entendemos então que dizer que uma pessoa fala uma língua específica significa dizer que a pessoa sabe “*when to speak, when not... what to talk about with whom, when, where in what manner*”.¹⁸ (HYMES, 1972,p. 277).

Hymes, de certa maneira, concorda com a visão de competência proposta por Chomsky (1965), mas acrescenta a necessidade do falante conhecer as regras de uso da língua. Hymes (1974) também discute três conceitos bastante importantes que são: adequação, evento e viabilidade. Entende-se por adequação - se e em que medida algo é adequado-; evento - se e em que medida algo é realizado-; e por viabilidade - se e em que medida algo é possível sob um dada circunstância. Podemos concluir por esses três termos que a competência comunicativa considera o conhecimento que o falante deve possuir com relação ao uso da língua assim como o conhecimento que ele deve possuir a respeito das expectativas a serem tomadas com relação às normas e convenções sociais.

4.4 A perspectiva de competência para Canale

Também Canale (1983) discorre sobre o domínio pragmático que um aprendiz deve apresentar. Ele afirma haver quatro tipos de competências: a competência gramatical, que se refere às regras de código linguístico; a competência sociolinguística, que se refere às regras socioculturais; a competência discursiva, que se refere às regras do discurso e a competência estratégica que se refere às estratégias de comunicação verbal e não verbal.

Dessa maneira, quando falamos de competência gramatical nos referimos ao domínio das regras fonológicas e léxico- gramaticais de formação de uma sentença. Ou seja, a capacidade do falante em interpretar o sentido literal de uma sentença através de seu conhecimento da pronúncia, vocabulário, sentido de palavras e sentenças, construção de sentenças, soletração correta da

¹⁸ quando falar, quando não falar... o que dizer sobre algo para alguém, quando, onde e, de que maneira.

língua alvo.

Quando nos referimos à competência sociolinguística, estamos tratando do domínio das regras socioculturais de uso adequado da segunda língua. Ou seja, como as sentenças são produzidas e compreendidas em um contexto sociolinguístico. Assim, a competência sociolinguística se refere ao entendimento das convenções de atos de fala, da consciência das normas de adequação estilística, do uso da linguagem para sinalizar relações sociais, etc. Para Canale (1983,p.5), então, a competência sociolinguística pode ser entendida como:

[...] a competência sociolingüística se ocupa em que medida as expressões são produzidas e entendidas adequadamente em diferentes contextos sociolingüísticos dependendo de fatores contextuais como a situação dos participantes, os propósitos da interação e as normas e convenções da interação.

Dessa maneira, a adequação de um enunciado deve ser dupla, pois, de um lado, temos a adequação do significado e, do outro, a adequação da forma. A adequação do significado está relacionada com o grau em que as funções, atitudes ou ideias são próprias a uma situação dada. Já a adequação da forma está relacionada com o registro de um contexto sociolinguístico particular (CANALE, 1983).

Já a competência discursiva refere-se ao domínio das regras que regem a coesão e a coerência dos vários tipos de discurso na segunda língua. Ou seja, a correção no uso de pronomes, sinônimos, conjunções, substituição, repetição, marcação de congruência e continuidade, assim como tópico, comentário e sequência. Ainda de acordo com Canale, a competência discursiva refere-se à combinação das formas e dos significados para se alcançar um discurso relacionado a diferentes gêneros ou tipos de texto. Ou seja, um texto alcança unidade por meio da coesão de sua forma e da coerência de seu significado.

A competência estratégica refere-se ao domínio da estratégia comunicativa na comunicação verbal e não verbal utilizada na segunda língua para

compensar deficiências na competência gramatical e sociolinguística. Ou seja, essa estratégia refere-se às formas para melhorar a eficiência na comunicação. Essas estratégias podem ocorrer por meio da paráfrase, das diferentes maneiras ao se dirigir a um interlocutor quando o falante não está seguro com relação à posição social desse último, da fala mais lenta com o objetivo de alcançar um efeito retórico, etc.

4.5 A perspectiva de competência para Saville- Troike

Com um trabalho alinhado ao do etnógrafo Dell Hymes, temos o da etnógrafa Muriel Saville-Troike. Para esta autora, a competência comunicativa deve ser considerada do ponto de vista do contexto de aprendizagem de uma segunda língua ou uma língua estrangeira. Assim, Saville-Troike (2005) divide a competência comunicativa em três tipos de conhecimento: conhecimento linguístico, conhecimento interacional e conhecimento cultural.

Para Saville-Troike (2005) os traços linguísticos podem transmitir mensagens sociais assim como sentidos referenciais. Ou seja, a autora reconhece que variações linguísticas carregam sentidos sociais e esses podem gerar sérios problemas, até mesmo para aprendizes com um domínio avançado da segunda língua.

O conhecimento interacional estaria relacionado ao conhecimento e às expectativas das normas e convenções sociais que precisariam ser dominadas pelo aprendiz. Falantes nativos da língua Inglesa, por exemplo, sabem, em geral, como pedir um favor a alguém que esteja em posição superior em termos de poder, assim como sabem comportar-se adequadamente com relação aos turnos conversacionais que devem ser seguidos numa conversa natural. Entretanto, aos aprendizes de uma segunda língua lhes é ensinada a construção de sentenças, a pronúncia de palavras e o uso de vocabulário explicitamente sem, no entanto, explicitar as habilidades interacionais que são necessárias para o fluxo da comunicação. Com isso, concordamos com a

pesquisadora com relação à necessidade de se desenvolver a habilidade interacional no aprendiz para que esse venha a alcançar a competência comunicativa.

Já afirmamos anteriormente que o domínio de uma língua vai muito além do domínio da estrutura dessa língua e que outras habilidades são necessárias para que o falante seja competente linguisticamente. Concordamos com a autora quando a mesma afirma que o conhecimento interacional é de fundamental importância para o aprendiz de uma segunda língua. Assim, para a autora, sem o conhecimento interacional o aprendiz não saberá fazer previsões a respeito da situação em que a interação ocorre e, menos ainda, calibrar a variável poder entre os participantes. Saville- Troike (2005) também nos apresenta de maneira bastante clara, a importância da escolha entre os pronomes de tratamento para que a variável poder seja levada em consideração e o falante não venha a colocar sua face em risco. Assim, de acordo com Saville- Troike (2005), a escolha do pronome *tu versus vous* em francês, *du versus sie* em alemão ou *tú versus usted* em espanhol é uma demonstração de poder ou falta dele para o falante. Isto é, o uso recíproco de um desses pronomes revela uma simetria em termos de poder ou uma relativa posição dos participantes numa posição hierárquica social. O uso mútuo de T(familiar) indica proximidade ou solidariedade enquanto o uso do V (polidez) sinaliza distanciamento ou deferência. Já o uso assimétrico de pronomes de tratamento (um dos participantes dirige-se ao outro com T,¹⁹ enquanto o outro retorna o tratamento com V) sinaliza um status distinto entre os participantes, com o receptor do tratamento V sendo reconhecido como possuidor de um poder maior. Dessa maneira, o uso recíproco de T:T marcaria a conversa entre amigos, o uso de V:V marcaria, por exemplo, a conversa entre colegas que não apresentam uma intimidade e o tratamento assimétrico T:V indicaria a relação assimétrica em termos de poder. Ou seja, a relação professor-aluno, médico-paciente, empregador- empregado, por exemplo, seria marcada pela relação powerful-powerless (mais poderoso- sem poder)(SAVILLE-TROIKE, 2005,p.

¹⁹ T indica o nome de um pronome de tratamento informal enquanto V indica um pronome de tratamento formal.

250-251).

Para o desenvolvimento da habilidade interacional apresentada por Saville-Troike, acreditamos também que profundas mudanças seriam necessárias no ensino de línguas estrangeiras. Por isso, concordamos com a pesquisadora com relação ao tipo de ensino que se oferece na aula de língua estrangeira. Um bom exemplo da maneira que muitos professores de língua inglesa atuam é a modo com que muitos deles ensinam o auxiliar "Do", por exemplo. É comum professores ensinarem o auxiliar "Do" dessa forma:

Professor: *Do you have a pen?* Alunos: *Yes, I do.* Uma interação como essa levaria, muito provavelmente, um falante nativo ao riso, visto que a resposta mais adequada está em se oferecer o objeto que se está pedindo. Ou seja, não se ensina muitas vezes aquilo que é adequado interacionalmente e, sim, a estrutura da língua. Percebe-se, então, que o uso real da língua não é explicitado para o locutor aprendiz levando-o a comportar-se inadequadamente em uma simples interação como a apresentada acima.

Já conhecimento cultural é aquele que está ligado a uma comunidade de fala e aos valores e atitudes relacionados ao uso da língua. Um falante da língua inglesa, por exemplo, sabe como se dirigir apropriadamente a homens, mulheres, crianças e pessoas com um nível educacional superior ou inferior. Já os aprendizes de uma segunda língua, podem, muitas vezes, fracassar em sua tentativa de se comunicar. O resultado dessa inabilidade em comportar-se adequadamente pode levar os aprendizes a sentirem-se ridicularizados ou, ainda, em terem ofendido seu interlocutor por não terem desenvolvido mecanismos adequados de identificação social (SAVILLE-TROIKE, 2005).

Quando falamos de competência comunicativa, buscamos enfatizar todo aquele conhecimento que se espera de um aprendiz e que não esteja limitado ao conhecimento gramatical da língua alvo. Assim, parte da competência comunicativa, por exemplo, está em parecer "incompetente" na língua alvo por parte do aprendiz quando a situação assim exigir. Sabemos que em muitos casos não devemos nos assemelhar linguisticamente a um falante nativo, pois, se demonstrarmos grande domínio morfossintático da língua alvo, nossa imperfeição em certas situações sociais não será tolerada (SAVILLE-TROIKE,

2005).

Sabemos que a competência linguística na segunda língua difere da primeira língua e que é também mais limitada quando se considera o número de situações sociais em que ela será utilizada e/ou aprendida. Consideramos, assim, que a competência linguística pode ser separada em dois grandes grupos que diferem internamente em várias características, sendo eles: competência acadêmica e competência interpessoal.

A competência acadêmica inclui o conhecimento necessário para que o aprendiz utilize a segunda língua como meio para a aprendizagem de outros assuntos ou como uma ferramenta em seu campo de estudo. Para esses aprendizes o objetivo principal deve ser a aquisição de vocabulário específico de sua área e em desenvolver o conhecimento que os capacite a ler com fluência. Além disso, se esses aprendizes estiverem em sua área de estudo e o conhecimento for transmitido através da segunda língua, eles ainda precisarão desenvolver, além do conhecimento do vocabulário, a habilidade para ler. Esses aprendizes também precisarão desenvolver o processamento oral para poder participar de palestras e discussões em classe e, muitos deles, precisarão desenvolver a escrita para, com isso, realizar atividades escritas (SAVILLE-TROIKE, 2006,p.136).

A competência interpessoal refere-se ao conhecimento necessário para aquele aprendiz que planeja utilizar a segunda língua principalmente no contato direto, pessoal, com a língua alvo. Nesse tipo de competência o conhecimento do vocabulário da língua alvo é o conhecimento mais importante a ser adquirido e esse vocabulário difere enormemente daquele utilizado no canal escrito. Dessa maneira, o vocabulário a ser acessado deve ser utilizado em contextos interpessoais sem a vantagem de poder ser revisado previamente como no canal escrito. Assim, o aprendiz precisará utilizar-se de estratégias para esclarecer e negociar o sentido em uma interação verbal.

As diferenças existentes entre essas duas competências (competência acadêmica *versus* competência interpessoal) faz com que as exigências institucionais e as expectativas por parte do professor sejam diferentes para essas duas modalidades. Ou seja, na modalidade acadêmica o foco será a

habilidade de leitura e escrita enquanto na competência interpessoal será a modalidade oral e auditiva as habilidades mais importantes a serem desenvolvidas. O problema que se observa nessas duas competências é que os aprendizes universitários da língua Inglesa precisam, na maioria dos casos, desenvolver as habilidades presentes nas duas competências e como o tempo ofertado pelas instituições é relativamente curto, quando pensamos numa formação sólida, os aprendizes acabam por não desenvolver de maneira competente todas as habilidades.

Apresentaremos, nesse momento, quais são os componentes presentes no conhecimento de uma língua que precisam ser desenvolvidos para que o aprendiz apresente um comportamento linguístico adequado, sendo eles: vocabulário, morfologia, fonologia, sintaxe e discurso.

É necessário registrar que até mesmo um falante nativo com um alto nível de conhecimento linguístico não apresenta um domínio completo de todos os recursos dentro de uma comunidade de fala e, assim, a expectativa de apresentar um domínio completo em todas as habilidades não pode ser exigida dos aprendizes. Ou seja, o domínio completo de todos os componentes presentes na língua é algo irreal.

O vocabulário, como já afirmado anteriormente, é o nível de conhecimento da segunda língua que precisa ser desenvolvido por todos os aprendizes, seja para o desenvolvimento da competência acadêmica ou da competência interpessoal. Quando pensamos no vocabulário que um aprendiz com domínio avançado precisa apresentar para dominar certos conceitos que já domina na sua língua materna não haverá grande dificuldade visto que muitos termos científicos e tecnológicos, por exemplo, tendem a ser emprestados de uma língua em comum. Entretanto, a semelhança entre termos utilizados na primeira e na segunda língua será mais próxima entre línguas como o inglês e o francês, por exemplo, do que entre o Inglês e o chinês. Já o vocabulário e as expressões utilizadas no dia a dia dificilmente são parecidas em línguas que não sejam próximas entre si. Sabemos, também, que o domínio do vocabulário apresentado por um aprendiz inicia-se, primeiramente, com o reconhecimento das palavras que o aprendiz vê ou ouve. Essas palavras são utilizadas

inicialmente em contextos limitados para só após algum tempo serem utilizadas com maior propriedade. Além disso, os aprendizes podem nunca vir a dominar por completo as palavras que não façam parte de seu repertório produtivo. Precisamos registrar, ainda, o uso efetivo do contexto para a aprendizagem de vocabulário a ser desenvolvido pelos seguintes tipos de conhecimento:

- a) Conhecimento linguístico- informação sintática; limitações nos possíveis sentidos das palavras; padrões na estrutura da palavra; e sentidos de palavras próximas;
- b) Conhecimento de mundo- entendimento dos conceitos que as palavras representam; familiaridade com quadros conceituais relacionados; conhecimento das relações sociais;
- c) Conhecimento estratégico- controle sobre os recursos cognitivos (NAGY, 1997 apud SAVILLE-TROIKE, 2006,p.141).

Outro aspecto a ser considerado no desenvolvimento da competência pragmática é a morfologia e esse elemento da língua pode ser bastante importante para o desenvolvimento do vocabulário, assim como da precisão gramatical. No inglês, como em muitas outras línguas, o conhecimento da morfologia da língua pode levar o aprendiz a expandir o domínio do vocabulário. Ou seja, os sufixos podem converter adjetivos em verbos ou substantivos, verbos em substantivos, substantivos em adjetivos ou verbos e, ainda, adjetivos em advérbios. Outro aspecto importante no aprendizado da segunda língua é que, mesmo após anos de estudo, muitos aprendizes ainda apresentam dificuldade na morfologia flexional (tempo, modo, número e gênero) visto que em contextos reais de uso da segunda língua a informação contida nessas partes das palavras são, de certo modo, redundantes. Em outras palavras, certas flexões não são essenciais para a interpretação de sentido de uma sentença. Um exemplo da falta de necessidade de se fazer uso de uma parte da morfologia flexional é o fato da língua chinesa não utilizar-se de grande parte das flexões presentes em línguas como o inglês e o português.

Com relação ao desenvolvimento do sistema fonológico na segunda língua, podemos afirmar que este tem recebido menos ênfase na segunda metade do século XX, quando comparado ao início do século passado. Com o surgimento

da hipótese do "Período Crítico" (KRASHEN, 1985), os aprendizes que tivessem passado da puberdade seriam incapazes de alcançar um nível de pronúncia semelhante ao de um falante nativo. Sabemos, contudo, que o domínio do sistema fonológico é ainda exigido como um dos componentes da competência acadêmica, especialmente para aqueles estudantes e/ou pesquisadores que utilizam a segunda língua para ensinar outras pessoas ou que participam oralmente em conferências. Já como um componente da competência interpessoal, o domínio da percepção fonológica e a produção oral compreensível é fundamental para a linguagem oral. Um ponto importante a ser destacado com relação ao domínio fonológico é que o sotaque tido como "estrangeiro" é uma característica previsível na fala do falante aprendiz. Em certos momentos, ainda, a falta de domínio por parte do aprendiz é algo esperado e o domínio extremamente aprofundado da segunda língua pelo aprendiz pode levar o falante nativo ao desconforto e/ou desconfiança. Ou seja, o domínio aprofundado dessa habilidade pode levar o locutor-aprendiz a ser percebido como alguém "mascarado" por não carregar marcas perceptíveis de sua primeira língua (SAVILLE-TROIKE, 2006, p. 143).

De acordo com Haugen (1956), a percepção e a produção da segunda língua é também filtrada pelo sistema fonológico da primeira língua e a possível incongruência entre o sistema fonológico da língua materna e da língua alvo pode ser prevista. Ou seja, onde não houver uma distinção entre dois sons na língua materna e na segunda língua, essa distinção leva à construção de duas palavras distintas e o falante apresentará dificuldade na percepção e produção desses sons. Um falante de língua portuguesa como primeira língua, por exemplo, tenderá a pronunciar a palavra *red* com o som de um "r" aspirado já que esse som é o mais frequente em início de palavras na língua portuguesa. Essa pronúncia levará um falante nativo da língua inglesa a acreditar que o aprendiz, em muitos casos, tenha tentando dizer "*head*". Em muitos casos o contexto ajudará o falante nativo a fazer a dedução correta da intenção do locutor aprendiz, em outros casos, não. Já os novos fonemas aprendidos na segunda língua serão percebidos com traços pertencentes à primeira língua gerando o chamado sotaque "estrangeiro".

Um elemento importante na competência acadêmica é que ela exige, por parte do locutor aprendiz, o processamento de sentenças mais longas e complexas. Além disso, as construções passivas ocorrem de maneira mais evidente no discurso escrito para que com isso se possa tirar do foco da ação o(s) agente(s) ou ainda omiti-lo(s). Por meio dessas estratégias se alcança um discurso onde a ênfase recai sobre o estado da ação, ao invés de recair sobre a ação. Uma estratégia utilizada no inglês para a realização de sentenças mais impessoais ocorre por meio do uso da nominalização onde sentenças inteiras são transformadas como em: "*Edison invented the phonograph por "Edison's invention of the phonograph"* (SAVILLE-TROIKE, 2006, p.149).

Por outro lado, as estruturas gramaticais utilizadas na competência interpessoal tendem a ser mais simples e curtas. Em geral, elas não são sentenças completas, mas fragmentos como: "*ok; right; me too*". Sabemos também que a linguagem utilizada para propósitos afetivos frequentemente serve para expressar o ponto de vista do falante ao invés de transmitir uma informação referencial. Ou seja, essa diferença funcional é responsável pela alta frequência de construções verbais como "*is going to; is supposed to; needs to...*" e, ainda, verbos como "*know, think, say*" (SAVILLE-TROIKE, 2006, p. 145).

Quando pensamos no componente "Discurso" na aquisição da segunda língua, temos em mente que os elementos linguísticos na função discursiva vão além da formação de uma simples sentença. Assim, no nível microestrutural incluímos os indicadores sequenciais como: "*first; second; finally*" e outros elementos que produzam a coesão no texto escrito. Já no nível macroestrutural, temos os elementos linguísticos e os traços organizacionais que são característicos de um gênero em particular. Ambos os níveis, são sensíveis às formas linguísticas e às situações comunicativas nas quais elas ocorrem. Assim, percebe-se uma interface entre o conhecimento linguístico, o conteúdo, a cultura e o contexto (SAVILLE-TROIKE, 2006, p. 153).

A competência acadêmica, assim como a competência interpessoal, envolve categorias convencionalizadas e tipos de discurso, chamados gêneros. Apresentaremos mais detalhadamente o conceito de gênero que estamos utilizando nesse trabalho no tópico "Discurso escrito".

Em nossa pesquisa propomos uma análise das cartas de opinião escritas por falantes nativos e por locutores aprendizes para, com isso, analisar de que maneira os aprendizes locutores fazem uso da polidez. Quando comparamos o discurso escrito e o discurso falado, sabemos que a ocorrência da polidez e os turnos conversacionais devem estar presentes dentro de cada gênero. Assim, a transferência da polidez e das convenções nos turnos conversacionais da primeira língua para a segunda língua pode não interferir, até certa medida, na interpretação do conteúdo referencial de uma mensagem, mas, muito provavelmente, levará ao mal entendimento da intenção do locutor.

De acordo com Ellis (1997), o desenvolvimento da habilidade no uso de elementos discursivos na segunda língua é diferente de outros elementos da interlíngua. Assim, o desenvolvimento na habilidade discursiva acontece gradualmente e sistematicamente e vários erros na produção escrita podem ser atribuídos tanto à transferência do conhecimento da primeira língua no uso da segunda língua como, ainda, a padrões desenvolvimentais nessa última.

Quando o contexto em questão é o desenvolvimento da competência acadêmica, a habilidade escrita é a habilidade mais importante a ser desenvolvida. A escrita é também um dos meios mais utilizados até por aquelas instituições que avaliam a competência oral como um requisito para o ingresso do aprendiz. Esses aprendizes precisarão apresentar um alto nível de proficiência escrita para o acesso a tais instituições. Além disso, fora do ambiente acadêmico, muitos profissionais necessitam apresentar um domínio avançado da segunda língua para propósitos como: redigir correspondência formal, preparação de textos, relatórios, ou ainda, preparação de material escrito em um ambiente multilíngue onde a língua franca seja o inglês. O domínio avançado da segunda língua também é exigido para propósitos jornalísticos, quando o jornalista busca atingir um público leitor maior. No entanto, a linguagem escrita pode também vir a ser utilizada em contextos menos formais como: tessitura de cartas, e-mail, ou ainda, quando os aprendizes necessitem comunicar-se com falantes nativos que não estejam em um contexto interacional imediato (SAVILLE-TROIKE, 2006, p 163).

Outro aspecto importante a ser considerado na competência acadêmica na

modalidade escrita é o fato de essa habilidade exigir do locutor aprendiz o uso máximo de sua habilidade linguística, visto que ele não terá a seu favor a comunicação verbal. Além disso, o escritor não terá o ouvinte para preencher as lacunas e/ou o feedback pelo uso ineficiente da segunda língua (SAVILLE-TROIKE, 2006, p. 164).

Afirmamos anteriormente que a modalidade escrita necessita de uma interação com outros domínios da linguagem para que se alcance a competência comunicativa, sendo esses domínios:

- a) Conhecimento do conteúdo; a formulação de conceitos mentais.
- b) Conhecimento do contexto; o reconhecimento de qual conteúdo será relevante para os leitores pretendidos, assim como, com o estabelecimento de conhecimento comum e conhecimento novo.
- c) Conhecimento cultural; a construção de textos dentro de convenções socialmente definidas, incluindo nesse ponto a seleção de formas linguísticas e os padrões organizacionais apropriados para o tópico, objetivo e público.

Tendo apresentado os elementos que precisam estar presentes no processo de ensino-aprendizagem da segunda língua para que o aprendiz seja considerado um locutor competente, pretendemos apresentar nesse momento algumas características relevantes para o entendimento da aprendizagem pragmática. Nesse sentido, consideraremos o locutor aprendiz como alguém que se utiliza de seu conhecimento na língua materna para fazer previsões na língua alvo e isso afeta a maneira pela qual o falante nativo da língua alvo irá perceber o locutor aprendiz.

4.6 Transferência pragmática

A transferência de conhecimento da primeira língua para a aprendizagem da segunda língua é um processo natural e reflete aspectos de vários elementos da língua. De acordo com Koike (1989), os locutores aprendizes transferem o conhecimento pragmático da primeira língua para a segunda língua na tentativa

de produzir sentenças pragmaticamente adequadas. Além disso, quando os locutores aprendizes percebem que o ato de fala que eles precisam realizar em uma situação dada está além de seu nível atual de competência, eles buscam empregar estratégias menos apropriadas e mais simples em termos sintáticos. Há, assim, uma mudança de estratégia. De acordo com Kasper (1997) a instrução pragmática em sala de aula parece ser necessária para que se alcance esse conhecimento.

Ainda de acordo com Kasper (1992, p.203) a pragmática interlinguística pode ser compreendida como um ramo de pesquisa da segunda língua que estuda como os falantes não nativos entendem e realizam uma ação linguística na língua alvo e como eles adquirem o conhecimento pragmático na segunda língua. Nesse sentido, a pragmática interlinguística estuda o uso da linguagem em duas direções: a produção e o uso. Há, assim, uma preocupação em compreender a fala do aprendiz e o processo de aquisição de categorias pragmáticas na língua alvo. Para essa autora a transferência pragmática refere-se a influência do conhecimento pragmático prévio do locutor aprendiz no uso e aquisição do conhecimento pragmático na língua alvo.

A transferência pragmática tem sido definida como: “*the use of L1 pragmatic knowledge to understand or carry out linguistic action in the L2*”²⁰ (KASPER,1997,p.119).

Para Thomas (1983), a aprendizagem da língua em si e da cultura não podem seguir separadamente, pois, apesar da descrição teórica necessitar, muitas vezes, dessa separação, o ensino da segunda língua não poderá seguir esses moldes sem deixar de lado algo irrecuperável. Ou seja, o aprendiz não desenvolverá sua competência pragmática.

Buscaremos analisar cartas de opinião escritas por falantes nativos para, assim, termos um modelo relativamente estável, focalizaremos posteriormente a análise da produção escrita dos locutores aprendizes. Buscaremos averiguar a competência pragmática dos aprendizes através do uso de estratégias corteses. Assim, estaremos atentos a interlíngua²¹ do aprendiz. De acordo com

²⁰ o uso de conhecimento pragmático da primeira língua para entender e realizar ações linguísticas na segunda língua.

²¹ Conforme Selinker (1972), a língua do aprendiz de uma língua estrangeira pode ser

Kasper e Schmit (1996), o desenvolvimento da competência pragmática e, mais especificamente, o desenvolvimento da polidez pode ser alcançado através do ensino explícito. Além disso, esses autores afirmam que a mera exposição aos aspectos pragmáticos da língua alvo não é o suficiente para que o aprendiz adquira os mesmos. Nesse sentido, a análise das cartas de opinião tem uma função dupla, pois, de um lado, elas servirão como ferramenta para a averiguação da competência pragmática do locutor aprendiz e, por outro lado, elas poderiam funcionar como ferramenta didática para o ensino pragmático. Ou seja, como essas cartas são uma manifestação do uso real da língua em um contexto definido, o uso da língua pelos falantes nativos pode ser utilizado como exemplo da manifestação linguística nesse gênero específico. Além disso, nessas cartas será possível averiguar de que maneira os falantes utilizam a linguagem para proteger as necessidades da face (o conceito de *face* está explicado em detalhes no capítulo III).

De acordo com Bou-Frach (1998), quando nos comunicamos pela modalidade escrita com um leitor, levamos em consideração a distância ou proximidade com esse leitor, a relação hierárquica, assim como o gravidade do ato que pretendemos realizar. Assim:

[...] la transferencia a la lengua inglesa de características propias de competencia conversacional en L1 puede producir consecuencias mucho más serias que los errores de sintaxis o pronunciación, ya que la competencia conversacional está directamente relacionada con la presentación de la imagen y ésta con el equilibrio interactivo entre los interlocutores que debe ser mantenido para que la comunicación y las relaciones sociales se lleven a cabo con éxito²². (BOU-FRANCH e GARCÉS- CONEJOS, 1995,p.589)

Com uma visão pragmática de ensino de língua estrangeira, não podemos separar a aprendizagem da língua da aprendizagem da cultura da língua alvo.

compreendida como o estado intermediário da competência linguística do aprendiz.

²² Conforme Selinker (1972), a transferência para a língua inglesa de características da competência conversacional na língua materna pode produzir consequências muito mais sérias que os erros de sintaxe ou pronúncia. Uma vez que a competência conversacional está diretamente relacionada com a apresentação da imagem e esta com o equilíbrio interativo entre os locutores, ela deve ser mantida para que a comunicação e as relações sociais se

O diagrama abaixo nos ajudará a compreender melhor a transferência pragmática na pragmática interlinguística

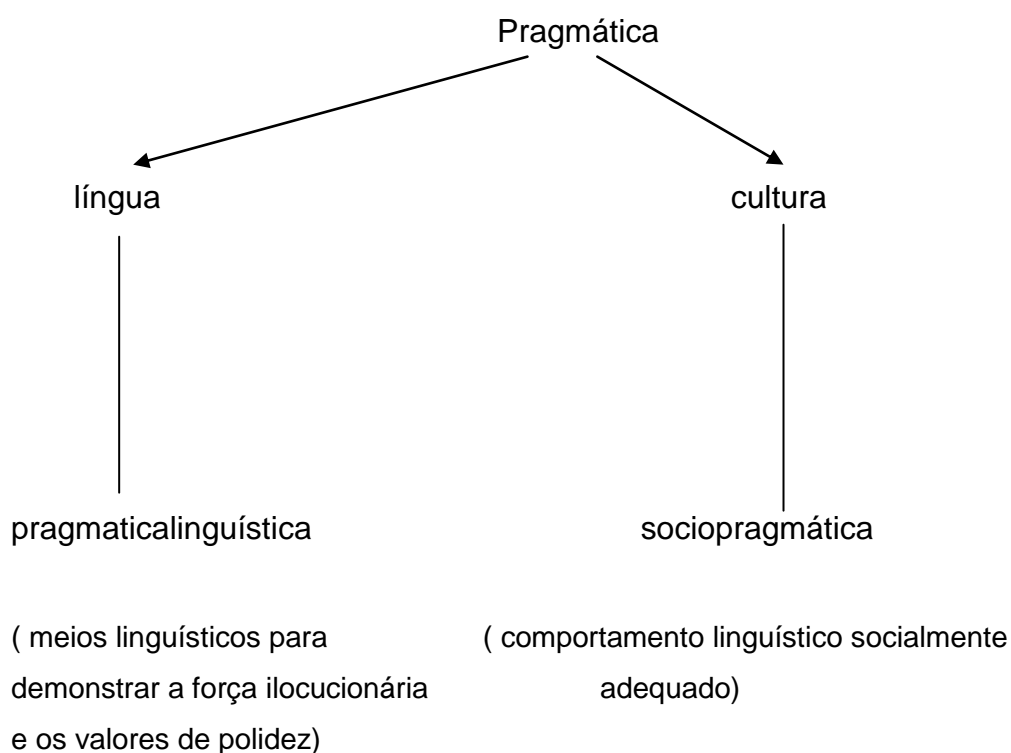


Diagrama baseado em Leech (1988) e Thomas (1983).

Com relação aos valores de polidez tratados pela pragmalinguística, há duas situações distintas a serem consideradas. O uso de marcadores de polidez, independentemente do propósito comunicativo, e a polidez estratégica que irá tratar das estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes para atender às necessidades da face. Assim, a pragmalinguística irá tratar do processo onde a

realizem com êxito.

força ilocionária e os valores de polidez relacionados a elementos linguísticos específicos da primeira língua do locutor aprendiz influenciaram na percepção e produção da língua alvo. Já a transferência sociopragmática relaciona-se a fatores externos ao contexto, como o papel dos participantes independentemente da ação linguística, e aos fatores contextuais internos, que são intrinsicamente ligados a um ato de fala. Assim, de acordo com Kasper (1992) a transferência sociopragmática é ativa, visto que a percepção social da interpretação e performance da ação linguística na língua alvo é influenciada pela avaliação que o aprendiz realiza com base em um contexto semelhante em sua primeira língua.

Para Weizman (1993), os aprendizes utilizam-se da transferência pragmalinguística no uso da indiretividade não convencional (*nonconventional indirectness*) de maneira semelhante aos falantes nativos. Assim, “*the use of nonconventional indirectness, therefore, seems to be one of the pragmalinguistic essentials which, therefore, they need not acquire anew*”²³ (WEIZMAN, 1993, p.134).

Como professores de língua inglesa, acreditamos que nosso papel seja também o de salientar certas diferenças culturais que se apresentem relevantes para o uso da língua alvo. O objetivo, no entanto, não é o de apresentar a cultura da língua alvo como pior ou melhor e, sim, apresentar diferentes maneiras de comportamento social. Schmidt (1993) aponta para a necessidade em desenvolver a atenção pragmalinguística e a sociopragmática para que a aprendizagem pragmática ocorra. Acreditamos, assim, que o desenvolvimento da consciência linguística na língua alvo, como o reconhecimento de diferença sociopragmática, é fundamental. Nesse sentido, o desenvolvimento sociopragmático do locutor aprendiz poderia ocorrer por meio da informação metapragmática com exemplos reais do comportamento de falantes nativos.

²³ uso da indiretividade não convencional parece ser um dos fundamentos da

4.7 O discurso escrito

Nossa pesquisa utilizar-se-à do gênero discursivo "carta de opinião" por acreditarmos que esse gênero não deve ser percebido como um tipo de texto apenas e, sim, como uma ação tipificada que responde a contextos culturais recorrentes (Swales,1990).Assim, percebemos esse gênero (cartas de opinião) como uma boa ferramenta escrita para a compreensão e análise das estratégias cortesias na comunicação humana.

Ainda de acordo com Swales (1990), para que uma comunidade seja considerada uma comunidade discursiva ela deve possuir um ou mais gêneros. Assim, uma vez que as convenções de gênero sinalizam e refletem as normas, a epistemologia, a ideologia e a ontologia social de uma comunidade discursiva, o gênero pode ser compreendido como um produto. Ou seja, os agentes sociais utilizam os mecanismos linguísticos disponíveis a eles em um dado gênero, e esse está inserido dentro de um contexto cultural específico em um dado local e momento. Outra característica importante do gênero é que ele não é fixo ou estático. Um certo grau de liberdade é aceitável, além do que um gênero não precisa ser sempre igual para ser reconhecido como um gênero. Swales (1990), afirma, ainda, que as diferenças entre os gêneros podem ser causadas por vários fatores tais como a complexidade do propósito retórico, o grau de universalidade ou tendências culturais específicas, o grau de preparação, o modo ou meio de comunicação (oral *versus* escrito), o tamanho da comunidade, assim como as expectativas criadas pelos produtores do discurso para com os receptores dessa ação. Nesse sentido, a abordagem orientada à ação enfatiza o contrato recíproco entre o escritor e o leitor através da busca do escritor em antecipar a bagagem de conhecimento do leitor, assim como os possíveis problemas de processamento que o leitor pode vir a apresentar.

Podemos compreender de maneira bastante satisfatória o funcionamento do gênero cartas de opinião através das ideias propostas por Swales (1990, p.58)

pragmalinguística e, assim, eles não precisam ser adquiridos novamente.

pois o mesmo afirma que o gênero pode ser entendido como um instrumento social onde “ *the purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community , and thereby constitute a rationale for the genre. This rationale shapes the schematic nature of the discourse and influences and constraints choice of the content and style*²⁴ .

Assim, a comunidade discursiva como apresentamos acima encaixa-se com a visão de língua que temos em mente. Ou seja, a visão da língua como um objeto que possui, além das regras gramaticais, suas regras de uso (HYMES, 1973). Além disso, nosso estudo analisa de que maneira os falantes nativos se utilizam das cartas de opinião para emitir suas opiniões. Quando tais indivíduos recorrem à tessitura de uma carta de opinião eles precisam, necessariamente, comportar-se linguisticamente de maneira adequada, sendo permitidos, no entanto, alguns lapsos devido ao fato de alguns destes serem “aprendizes” no novo gênero. De acordo com Herzberg (1986, p.01):

O uso do termo “comunidade discursiva” comprova a hipótese cada vez mais comum que o discurso opera no âmbito das convenções definidas pelas comunidades, sejam disciplinas acadêmicas ou de grupos sociais. As pedagogias associadas com a escrita através do currículo e da língua inglesa acadêmica utilizam-se agora da noção de comunidade discursiva para significar um comportamento de uma série de idéias: o uso da linguagem em um grupo é uma forma de comportamento social, e o discurso é um meio de manter e alargar a conhecimento desse grupo e de iniciar novos membros no grupo. E, que o discurso é epistêmico ou constitutivo do conhecimento do grupo.

Precisamos ter em mente também que a definição de comunidade discursiva (que molda e é moldada pelo gênero) não é de simples. Da mesma maneira que uma comunidade discursiva precisa repartir objetos de estudo semelhantes entre si, métodos de pesquisa em comum, frequência e oportunidade de interação, além de convenções estilísticas e de gênero, esses elementos não são a garantia de uma comunidade discursiva obrigatoriamente. Ou seja, a

²⁴ os propósitos são reconhecidos pelos membros competentes de uma comunidade de discursiva do país, e, assim, constituem uma base racional para a racionalidade do gênero. Esta, forma a natureza esquemática do discurso e as influências e restrições escolhidas para o conteúdo e o estilo.

definição para comunidade discursiva é um tanto complexa. Dessa maneira, não entenderemos o conceito de comunidade discursiva sem entender o conceito de comunidade de fala (*Speech Community*).

Entender o que vem a ser uma Comunidade de Fala é fundamental para nossa pesquisa, pois, quando tratamos de analisar as características mais salientes presentes em uma carta de opinião estamos de certa maneira atentos às características discursivas desse tipo de texto. Essas características discursivas realizar-se-ão também através do uso de mitigadores, perguntas retóricas, eufemismos, etc. Ou seja, há um código que deve ser compartilhado entre os usuários desse evento comunicativo. Além do código, no entanto, devem ser também consideradas as regras de uso sem as quais as regras gramaticais não tem a menor importância. Assim, de acordo com Hymes (1974,p.51):

*A speech community is defined, then tautologically but radically, as a community sharing knowledge of rules for the conduct and interpretation of speech. Such sharing comprises knowledge of at least one form of speech, and knowledge of its patterns of use. Both conditions are necessary.*²⁵

Quando tratamos das cartas de opinião escritas por nativos, estamos tratando de um grupo sócio-retórico, pois nesse grupo o determinante primário do comportamento linguístico é funcional, enquanto em um grupo sócio-linguístico, o determinante primário é social, uma vez que esse grupo, em geral, recruta seus usuários por nascimento. Retomando a discussão sobre o grupo sócio-retórico, entendemos também que esse grupo “ *consists of a group of people who link up in order to pursue objectives that are prior to those of socialization and solidarity, even IF these latter should consequently occur*”²⁶ (Swales, 1990,p.24)

Podemos perceber então, que em uma comunidade discursiva, as

²⁵ A comunidade de fala é definida, então, tautologicamente, mas radicalmente, como uma comunidade que compartilha conhecimento das regras de conduta e interpretação da fala. Esse compartilhamento inclui o conhecimento de pelo menos uma forma de expressão e conhecimento de seus padrões de uso. Ambas as condições são necessárias.

²⁶ consiste em um grupo de pessoas que estão ligadas com o objetivo de alcançar certas metas que são anteriores aos objetivos de socialização e solidariedade, mesmo que esses venham a ocorrer eventualmente.

necessidades comunicativas e os objetivos tendem a predominar no desenvolvimento e manutenção das características dessa comunidade. Além disso, uma comunidade discursiva tende a recrutar seus usuários por persuasão, treinamento ou qualificação relevante. Quando falantes nativos utilizam-se de cartas de opinião para emitir suas ideias dentro de um canal de comunicação como um jornal qualquer, eles estão fazendo uso de seu direito e de sua vontade em fazer parte de um universo discursivo onde suas produções escritas serão provavelmente lidas e/ou publicadas. Com isso, esse indivíduo se inscreve em uma comunidade discursiva que apresenta suas características próprias. Essa característica presente no universo de participantes no ato de tecer uma carta de opinião está em conformidade com a ideia de um acordo conjunto de objetivos públicos proposto por Swales (1990). Quando da tessitura e publicação da carta de opinião, os participantes têm também a oportunidade de ler outras cartas de opinião que versam sobre o mesmo tema e/ou terem suas cartas respondidas. Assim, instaura-se um canal de comunicação onde os participantes colocam-se como participantes ativos dessa comunidade discursiva havendo assim o surgimento de mecanismos de intercomunicação entre os seus membros (Swales, 1990). Nesse caso, a publicação em media on-line e/ou impressa cria o canal de comunicação para a comunidade discursiva.

Quando da tessitura de uma carta de opinião com a temática “*Condo for the elderly*”, podemos já perceber que, em muitos momentos, há uma abreviação de termo na media online, e essa abreviação é já uma manifestação do funcionamento de uma comunidade discursiva. Já os aprendizes ou “new comers”, por outro lado, precisarão de um pouco mais de tempo e/ou reflexão para perceber a troca do item lexical “*condominium*” por “*condo*”, por exemplo.

Temos que considerar também que como todo gênero ocorre dentro de uma sociedade que molda e é moldada pelo funcionamento de cada gênero, esse tem para o seu funcionamento, elementos como:

- Uma intenção;
- Pertencem a uma comunidade;

- São atos comunicativos com características estáveis;
- São estruturas de pensamento e interação social.

Podemos perceber, com essa definição de gênero, que nossa visão de língua está em consonância com a visão de gênero proposta por Swales. Já afirmamos anteriormente que a Teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson (1987) apresenta a língua como um mecanismo social onde a comunicação eficaz é buscada pelos falantes na interação social. Ou seja, cada falante competente procura manter a face do outro num mecanismo de respeito mútuo. Assim, a teoria de Brown e Levinson (1987) tem relevância quando procuramos perceber de que maneira o gênero “carta de opinião” se estrutura, uma vez que em tal gênero há a emissão de uma opinião e essa pode vir a ser ato potencialmente ameaçador à face do outro. Além disso, no mecanismo de respeito mútuo buscar-se-ão partículas, elementos, frases que venham a atuar no ouvinte fazendo com que haja uma adesão à tese proposta e que o ouvinte satisfaça o desejo do falante de que sua face negativa seja mantida e/ou aceita. Assim, quando o falante-escritor faz uso dos mecanismos corteses ele não apenas procura não agredir a face de seu leitor, mas também fazer com que suas ideias sejam aceitas de modo mais suave.

Assim, uma carta de opinião pode ser analisada através de três níveis: O primeiro nível seria o nível global da carta, onde se analisaria o discurso em si. Nesse nível poderíamos analisar a intenção geral do texto, o tema e o posicionamento do falante-escritor. O segundo nível de análise seria aquele onde estudaríamos o início, o meio e o final das cartas de opinião para podermos perceber como está organizado esse gênero. Já no nível sociopragmático podemos fazer a análise das estratégias corteses de polidez, visto que essa análise micropragmática manifesta no plano linguístico os fatores sociais relevantes para a interação social.

Dentre todos os elementos constitutivos do discurso escrito, a coesão foi o elemento destacado por Halliday e Hassan (1976) como elemento chave da estrutura textual. Eles descrevem a coesão com traços mais semânticos que sintáticos e, de acordo com eles “...*cohesion is a semantic relation between an*

*element in the text and some other element that is crucial to the interpretation of it*²⁷ (HALLIDAY e HASSAN, 1976,p.8).

Halliday e Hassan (1976) ainda afirmam que o discurso escrito é complexo, linguisticamente denso, com um destinatário desconhecido e deslocado geograficamente. Como consequência dessa visão, os aprendizes de nossa pesquisa precisam redigir um texto que contenha alguns elementos fundamentais para que ele seja compreendido satisfatoriamente.

O texto escrito que analisaremos “cartas de opinião”, terá como fonte principal para análise a teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987). Dentro dessa teoria, analisaremos, além dos mecanismos cortesês, a adequação dos enunciados nas cartas ao editor (*letters to the editor*). De acordo com essa teoria, quando tratamos da adequação de um texto, precisamos levar em consideração fatores como: hierarquia, distância entre os interlocutores e seriedade da imposição. Além disso, a adequação é considerada como um dos fatores para a conveniência e efetividade dos enunciados (BROWN e LEVINSON, 1987).

Precisamos considerar também que atualmente usa-se o termo “gênero” para classificar as diferentes manifestações do texto na sociedade. No entanto, há diferentes abordagens para a definição do conceito de gênero propriamente. Assim, dentro todas as abordagens existentes, escolheremos a visão de gênero proposta por Swales (1990), pois ela parece melhor se adequar a visão de língua que temos em mente. Afirmamos anteriormente que esse trabalho tem um enfoque pragmático, e não puramente formal, assim, consideramos a língua como um mecanismo guiado por fatores internos e externos. Por esse motivo, baseamo-nos na teoria da polidez para a análise e compreensão do texto. Tendo isso em mente, concordamos com Hymes (1971) quando o mesmo afirma que o evento comunicativo (contexto) é formado por:

- falante e ouvinte (escritor e leitor);
- Ação (a sequência de atos);
- O sistema linguístico;

²⁷

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento

- Aquilo que ambos participantes sabem sobre os atos de fala (as normas da interação/ o gênero);
- A intenção e/ou finalidade;
- A atitude dos falantes com relação ao sistema de normas, obrigações e costumes sociais.

Assim, nos centraremos em quatro aspectos relacionados às estratégias corteses de polidez sendo eles: o uso inclusivo da primeira pessoa, a ocultação do agente, as perguntas retóricas e o fenômeno de mitigação ou potenciação da força ilocucionária. Como já mencionado anteriormente, iremos nos basear na teoria de Polidez proposta por Brown e Levinson (1987) e o primeiro aspecto que iremos considerar é o uso inclusivo que tem como objetivo criar o efeito de aproximação entre falante-escritor e leitor. Essa é uma estratégia positiva ou de solidariedade. Em um segundo momento, iremos analisar a estratégia de ocultação do agente. Essa estratégia, apresentada por Brown e Levinson (1987), se realiza quando o escritor não pretende se comprometer com aquilo que diz e não tem a intenção de invadir o terreno do destinatário. Tratasse de uma estratégia negativa ou de deferência. A terceira estratégia que iremos analisar refere-se à estratégia de formular perguntas retóricas com o objetivo de realizar uma crítica sem, no entanto, perder a imagem pública (lose face) e ameaçar a imagem pública do destinatário. Essa estratégia faz parte de uma estratégia de cortesia indireta. Já a quarta estratégia, estratégia cortês de mitigação, é aquela onde o falante-escritor aumenta a credibilidade daquilo que ele afirma sem, no entanto, perder sua imagem pública pois ele percebe o risco de estar equivocado.

5 CAPÍTULO VI

5. METODOLOGIA

5.1 Considerações Metodológicas Gerais

Nossa pesquisa tem um caráter empírico, assim, pretendemos analisar dentro do gênero discursivo cartas de opinião, a habilidade dos aprendizes frente à atividade de tessitura de um texto. Como sabemos as cartas de opinião são aquelas cartas onde os leitores de um jornal podem opinar sobre assuntos da atualidade como: educação, racismo, imigração, etc. E, por serem esses temas de interesse geral, há pontos de vista completamente distintos. Concordamos com A. Freedman (1997) quando este afirma que as cartas de opinião são meios para expressar opiniões ou sentimentos que se situam a meio caminho entre a esfera social e a esfera individual. Assim, as cartas de opinião precisam estar escritas de maneira clara, concisa, densa, simples, exata e correta. Além disso, acreditamos que as cartas de opinião são um ótimo exemplo de uso da língua uma vez que elas são um ponto de encontro entre o contexto sociocultural da língua alvo, as formas lingüísticas e os significados pragmáticos.

Os participantes dessa pesquisa são aprendizes que nos últimos anos de sua formação acadêmica têm estado em contato com variados gêneros discursivos, estruturas sintáticas, assim como com o vocabulário da língua alvo. Com isso, espera-se que tais aprendizes tenham adquirido não somente a habilidade em tecer textos adequados sintaticamente, mas que suas produções escritas apresentem adequação pragmática. Sabemos que em um nível avançado de domínio da segunda língua o domínio da competência pragmática e a sensibilidade de tais aprendizes com relação ao registro que estão utilizando constitui-se em um objetivo inescapável. No entanto, não parece haver um desenvolvimento satisfatório de instrumentos de mediação para que

os aprendizes de uma segunda língua, em nosso caso a língua Inglesa, desenvolvam o conhecimento pragmático na língua alvo de maneira aprofundada. Por esse motivo, trataremos de perceber em que medida os aprendizes matriculados no último nível de escrita na Universidade Federal do Paraná são conscientes e/ou usam eficazmente as estratégias corteses em uma carta de opinião. Baseamo-nos em teorias que sustentam a aquisição de uma segunda língua como um processo pelo qual o aprendiz adquire um maior controle das decisões semióticas na L2 e que é através da construção dialógica dos papéis retóricos que os aprendizes se constituem como falantes competentes e apreciam a riqueza da significação (LANTOLF, 2000).

Assim, queremos comprovar se tais aprendizes adquiriram durante esse processo a competência pragmática necessária para tecer um texto dentro do gênero discursivo carta de opinião de maneira satisfatória. Concordamos com Halliday (1985), quando este afirma que o texto escrito tem de se sustentar por si próprio, pois não há um contexto compartilhado ou referências. Não há também tantas repetições e, como há uma separação físico-temporal, a escrita necessita de regras gramaticais mais rígidas. Como consequência, há uma standardização. Vivemos também numa cultura onde a maior parte da nossa comunicação é oral e, como o ato de escrever é um ato cognitivamente bastante complexo, o falante/escritor precisa levar em consideração todas essas variáveis.

Consideraremos, nessa pesquisa, a existência de três níveis de análise quando tratamos do texto escrito. Podemos, de maneira geral, submeter as produções escritas dos aprendizes a três níveis de análise quando da tessitura de uma carta de opinião, sendo eles: a) o nível global onde se evidencia a adequação de um texto; b) o nível estrutural, onde se evidencia a estrutura (início, meio e fim) e o nível local onde se evidencia o registro. Na adequação, buscamos perceber se a ação discursiva é realizada de maneira coerente e apropriada. Na estrutura da carta, analisa-se a estrutura da carta enquanto um gênero específico. Já no terceiro nível de análise, o nível local, temos mais especificamente o nível que pretendemos analisar, pois nesse nível podemos perceber as estratégias corteses que são tomadas como adequadas para o

gênero carta de opinião. Além disso, a análise no nível sócio-linguístico- mediante a análise das estratégias, pode nos oferecer um melhor entendimento de como tais estratégias corteses manifestam no plano lingüístico os fatos sociais relevantes para a interação. Assim, através da análise local, será possível levantar os dados com relação à adequação escrita dos aprendizes sendo essa adequação uma evidência do domínio pragmático.

5.2 Definição da temática e objetivos da investigação

Nosso estudo insere-se na categoria de estudos sobre o produto, uma vez que pretendemos analisar cartas escritas por alunos matriculados no último nível de escrita na Universidade Federal do Paraná. Tendo em vista que tais aprendizes percorreram um longo caminho até alcançar o último nível de escrita, e tiveram diferentes professores, objetivamos analisar sua produção escrita para, com isso, avaliar seu domínio nessa modalidade. Ao escrever uma carta de opinião o escritor sabe, muito provavelmente, que sua opinião pode vir a não ser compartilhada pelo corpo editorial da revista e/ou pelos leitores desse canal de comunicação. Assim, de acordo com Brown e Levinson, (1987) o escritor fará uso de estratégias corteses para que a face de ambos escritor- leitor seja preservada.

Com as informações referentes ao domínio apresentado por tais aprendizes, poderemos perceber se os mesmos adquiriram, no decorrer dos anos de estudo, o domínio sócio-pragmático necessário para a tessitura de uma carta de opinião. Além disso, na tessitura de uma carta os aprendizes precisam utilizar-se de estratégias corteses (Teoria da Polidez) e, com isso, transfere-se para o plano escrito uma característica do plano oral que é a necessidade em se respeitar a face do interlocutor. Assim, nosso objetivo específico é averiguar o domínio dos aprendizes no uso de modalizadores com efeitos mitigadores e se os aprendizes produzem fenômenos de impessoalização e nominalização. Ou seja, se os aprendizes adquiriram estratégias de cortesia negativa.

Escolheu – se então o gênero cartas de opinião por serem essas cartas ótimos exemplos de como os falantes usam a língua para comunicar-se. Assim, pretende-se averiguar se e como os alunos utilizam-se de estratégias corteses frente uma atividade de escrita em que tenham que escrever uma carta ao editor. Nessa atividade os alunos serão convidados a se posicionar e assim terão que expor em certa medida seu conhecimento pragmático. Nesse tipo de texto o escritor precisa, necessariamente, expor suas idéias de maneira tal que as mesmas sejam até certa medida respeitadas. Assim, procuraremos perceber se eles usam eficazmente as estratégias corteses e se são capazes de utilizar-se de estratégias menos locais como: conhecimento compartilhado, explicações e estratégias indiretas. Tais estratégias, no entanto, não se observam em uma parte do texto, mas, o permeiam. As estratégias indiretas, por sua vez, são variadas e, às vezes, localizam-se em fragmentos do texto, como quando encontramos uma frase irônica ou uma pergunta retórica. Além disso, iremos averiguar se os aprendizes se utilizam de modalizadores com efeitos mitigadores, se sabem utilizar o uso inclusivo no texto e se produzem fenômenos de impessoalização e nominalização. Com base nos dados levantados quando da análise das cartas de opinião escritas por nativos e com os dados levantados quando da análise das cartas escritas por aprendizes matriculados no último nível de escrita na Universidade Federal do Paraná, buscaremos traçar as diferenças e/ou similaridades entre essas cartas. Com isso, poderemos traçar um modelo de ensino das estratégias corteses no gênero discursivo carta de opinião com vistas ao aperfeiçoamento da escrita em segunda língua. Tanaka e Kawade (1982,p. 26) nos afirmam que ainda falta investigação para um melhor entendimento da aquisição das estratégias corteses pelos aprendizes de uma segunda língua e, por isso, acreditamos que esse paralelo entre as cartas escritas por aprendizes e aquelas escritas por falantes nativos são uma importante contribuição para o melhor entendimento da evolução no domínio sócio Pragmático apresentado pelo aprendiz de segunda língua.

A aquisição dessa dimensão da competência comunicativa é parte integrante da socialização à estrutura política de uma sociedade. Como nos afirma

Mesthrie:

*The mastery of the rules of politeness, especially the ability to fine-tune one's language according to the interlocutor and other aspects of the context, presuppose a (subconscious) acknowledgement of the sociopolitical hierarchy*²⁸ (MESTHRIE, 2000,p.345).

Com relação à teoria da Polidez, observaremos nas cartas de opinião escritas pelos aprendizes de que maneira eles utilizam os mecanismos corteses para que suas opiniões sejam recebidas de maneira menos ameaçadora. Assim, utilizaremos cartas que sejam preferencialmente críticas, pois essas apresentam atos que ameaçam a imagem (FTA) e, assim, ambos falantes (nativos e aprendizes) precisarão utilizar-se de estratégia corteses .

Para a realização desse estudo nos utilizaremos de cartas de opinião escritas por nativos para com isso poder traçar algumas expectativas com relação aos traços linguísticos presentes no gênero carta de opinião. Nosso objetivo não é traçar possíveis diferenças entre as cartas escritas por falantes nativos e aprendizes, até porque as diferenças são até certa medida previsíveis e aceitáveis. Interessa-nos utilizar as cartas escritas por nativos como meio para perceber de que maneira o contexto sociocultural, as formas linguísticas e os significados sócio-culturais se inter-relacionam. Ou seja, procuraremos perceber que características linguísticas estão presentes nas cartas de opinião escritas por nativos e, além disso, que estratégias corteses eles usam em maior grau. Por outro lado, nas cartas produzidas pelos aprendizes, objetiva-se perceber o que já sabem fazer ou o que ainda precisam aprender. Iremos nos basear na Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987) para a análise das cartas escritas por falantes nativos e não nativos e, assim, poderemos perceber de que maneira ambos os falantes fazem uso de elementos como: poder, distância social entre os interlocutores e a seriedade do ato. Além disso, submetemos as produções escritas de falantes nativos e aprendizes a uma análise com o objetivo de perceber a ocorrência das estratégias corteses. Além disso, apesar de termos centrado nossa atenção em um número limitado de

²⁸

O domínio das regras de polidez, especialmente a capacidade de adequar uma linguagem de acordo com o interlocutor e outros aspectos do contexto, pressupõe (subconscientemente) um reconhecimento da hierarquia sociopolítica.

informação visto que nossa pesquisa apresenta um caráter descritivo, o estudo de caso centra sua atenção em um número limitado de indivíduos que existem independentemente uns dos outros. E, assim, suas produções também diferem umas das outras possibilitando uma variação considerável mesmo com um pequeno número de indivíduos. Concordamos com Johnson (1999,p.84) quando a mesma afirma que os estudos de caso podem servir para ilustrar de que maneira as experiências analisadas pelo professor-pesquisador se aproximam ou diferem das teorias existentes.

Dessa maneira, nossa pesquisa coloca um problema teórico prático: a dificuldade em escrever textos com um registro formal. Sabemos que as variações de registro são um indicativo das experiências linguísticas dos aprendizes. Assim, não é estranho que aprendizes apresentem dificuldade em utilizar uma ampla gama de registros, pois lhes faltam experiência com tais registros (SCARCELLA, 1990,p. 2).

5.3 Critérios para a análise das cartas de opinião

Como nosso trabalho tem como objetivo principal o entendimento das estratégias corteses frente à atividade de tessitura de uma carta de opinião, escolhemos dez (10) cartas escritas por nativos e publicadas na imprensa digital (internet). Com essas cartas, buscaremos averiguar quais estratégias corteses os falantes nativos da língua alvo utilizam para tecer uma carta de opinião. Buscaremos em seguida, perceber se os aprendizes são capazes de utilizar-se de estratégias corteses e se utilizam eficazmente a modalização, visto que essa ferramenta linguística é um índice da competência escrita dos falantes.

Assim, consideraremos algumas das estratégias corteses utilizadas pelos falantes quando emitem sua opinião ao editor de um jornal nas cartas de opinião enviadas a este.

Apresentamos agora as estratégias de cortesia que analisaremos nas cartas

de opinião:

1- Positivas ou de solidariedade. Cultive a imagem positiva de seu leitor. Repare ou compense a ameaça a sua imagem sempre que essa possa estar em perigo. A reparação consiste em satisfazer seu leitor, pelo menos parcialmente, comunicando que seus desejos são bastante similares. (BROWN e LEVINSON, 1987,p. 101). Nesse ponto o escritor precisa aproximar-se do leitor utilizando-se de estratégias como:

- Estabeleça conhecimentos compartilhados;
- Faça com que ele (leitor) sintá-se bem;
- Inclua-o entre os seus;
- Busque acordos;
- Evite desacordos;
- Pressuponha que ambos de vocês compartilham idéias, valores, atitudes;
- Seja otimista com relação às ações do leitor que possam resultar desejáveis;

2 – Negativas ou de deferência. Trata-se de reparar o possível dano que a emissão de uma opinião possa vir a causar a imagem negativa do leitor. Assim, constrói-se o texto de maneira tal que o leitor o leia e venha a compartilhar com as opiniões, desejos e valores do autor. Trata-se de minimizar a imposição que resulta do ato de comunicar algo a alguém. Consiste em distanciar-se do leitor não invadindo sua privacidade, mostrando-se respeitoso com relação aos seus desejos e em não se impor aos seus desejos, opiniões. E, ainda, de que não há o interesse em lhe dizer que ações ele deve realizar.

- Seja direto;
- Não assumá ou presuma qual é o desejo de seu leitor;
- Seja pessimista com relação a aquelas ações que possam resultar desejáveis para seu leitor;
- Minimize a imposição ;
- Desculpe-se;
- Impessoalize (evite a inclusão do uso de pessoa como “I” e “you”)
- Nominalize.

3- Indiretas (*off record*). Trata-se de dar pistas, violando algumas das máximas de Grice (1957), com o uso de eufemismos, ironia, metáforas, perguntas retóricas, exageros, pressuposições, ambiguidades, generalizações vagas, deslocamentos do ouvinte, elipses ou frases incompletas.

Os performativos modalizados ou *performatives hedges* são uma estratégia enunciativa que se relaciona com a responsabilidade do locutor com relação ao conteúdo de suas proposições. Assim, expressões como: I can promise, I must advise you, I have to admit, etc, podem ser utilizadas pelo falante para evitar a força da carga ilocucionária dos atos de fala (FRASER,1975,p.197). Percebemos que o uso dos performativos modalizados são importantes para evitar que o falante- escritor possa reparar algo contrário ao ponto de vista do ouvinte-leitor. Como nos afirma Fraser (1975, p.196):

“(...) the speaker might not want to announce a conclusion that was counter to the hearer’s views and thereby antagonize him... condemn another’s actions, or ask another to carry out some action that possibly could inconvenience him²⁹.”

Nesse sentido, o uso dos performativos modalizados para a análise do discurso escrito mostra-se relevante, uma vez que ele se relaciona diretamente com as estratégias de cortesia linguística, que são o foco principal de nossa pesquisa.

Mencionamos anteriormente que a adequação de uma carta de opinião deve levar em consideração as variáveis contextuais (Poder, Distância, Seriedade do ato). E, dentre a ampla gama de estratégias cortesias, iremos centrar nossa análise em quatro estratégias, sendo elas: o uso inclusivo, a ocultação do agente, as perguntas retóricas e a mitigação ou modalização. Explicaremos mais detalhadamente cada uma delas abaixo.

²⁹ (...) O falante pode não querer anunciar uma conclusão de que era contrário à opinião do ouvinte e, assim, contrariar o outro... condenar as ações, ou pedir para o outro para realizar alguma ação que possivelmente poderia ser inconveniente para o ouvinte.

5.3.1 O uso inclusivo

O uso inclusivo refere-se à estratégia cortês de aproximar-se do destinatário considerando-o como pertencente ao mesmo grupo do falante-escritor. Ou seja, trata-se de uma estratégia positiva uma vez que se busca considerar o ouvinte como pertencente ao mesmo grupo do falante. Como expor as opiniões pode ser um ato ameaçador à imagem, o escritor busca minimizar essa ameaça criando efeitos de aproximação entre escritor e leitor. Assim, o escritor satisfaz a sua imagem pública negativa (aquela na qual ele busca não ser impedido de realizar seus atos) causando riscos mínimos a sua imagem caso seu interlocutor não compartilhe as mesmas opiniões (BROWN e LEVINSON,1987). O quadro abaixo irá nos ajudar a entender melhor como o sujeito-escritor irá incluir-se ou excluir-se do ato potencialmente ameaçador a sua imagem com o objetivo de satisfazer a sua imagem pública negativa:

Formas pessoais	Estratégia
I	Estratégia de solidariedade para com o leitor.
I + you= we (inclusivo)	Estratégia de solidariedade
I + you +they = we (genérico)	Estratégia de deferência
I+ they(- you)= we (excludente)	Estratégia de deferência
You/your	Trata-se de uma estratégia Para aproximar-se de Maneira direta ao leitor.
They/ their	Trata-se de uma estratégia de Distanciamento quando se refere ao Leitor.

5.3.2 A ocultação do agente

A ocultação do agente tem um caráter mais impessoal uma vez que se evita o comprometimento do falante – escritor com aquilo que ele diz. Ou seja, o escritor tem a opção de manifestar opiniões e informações sem, no entanto, ter que confrontar-se com seu leitor devido a diferenças na opinião entre o escritor e o leitor. Assim, o escritor evita confrontos desnecessários. Nas palavras de Brown e Levinson (1987,p.190), a ocultação do agente seria entendida como:

*“... S doesn't want to impinge on H”, como se “ the agent were other than S, or at least possibly not S or not S alone, and the addressee were other than H, or only inclusive H”*³⁰(BROWN e LEVINSON, 1987, p. 190).

Utilizamos essas estratégias corteses quando o ato é altamente ameaçador à imagem dos participantes da ação verbal. Trata-se de uma estratégia negativa ou de deferência. Assim, nos utilizamos de sentenças na voz passiva, formulações impessoais e nominalizações. Na língua Inglesa a estratégia sintática para a realização dessas estratégias corteses são estruturas como: *it seems, one, it is believed, might, etc.*

5.3.3 As perguntas retóricas

O escritor tem a oportunidade de expor suas opiniões sem, no entanto, ter que apresentá-las diretamente. Ou seja, na formulação da pergunta ele a estrutura de um modo que a decodificação da pergunta em termos semânticos já se refere mesmo à opinião do escritor. Assim, a realização da oração interrogativa não supõe uma resposta ou a resposta já está implicitamente colocada. Podemos perceber que o uso das perguntas retóricas permite ao falante expor sua opinião sem colocar em risco a sua imagem, assim como, a

³⁰ O falante não quer impor-se ao ouvinte, como se o agente não fora o falante, ou, pelo menos, possivelmente não o falante isoladamente, e o destinatário fosse alguém diferente do ouvinte, ou apenas o ouvinte.

imagem do seu interlocutor. Dessa maneira, a pergunta retórica é uma maneira de fazer com que o escritor coloque-se teatralmente na pergunta com o objetivo de provocar a adesão do destinatário (BROWN e LEVINSON,1987,p.223).

5.3.4 A mitigação ou modalização

Essa estratégia cortês de polidez pode ser uma estratégia positiva ou negativa e faz parte das estratégias diretas. Podemos empregar os mitigadores em atos ameaçadores à imagem pública, como em uma opinião discordante ou crítica. Assim, a mitigação se realiza quando fazemos uso de qualquer palavra, partícula ou frase léxica que modifique o grau de pertinência de um elemento em um predicado ou um sintagma nominal. Para tornar mais claro o funcionamento dos mitigadores, iremos apresentá-los separadamente:

- Expressões que deixam claro que o emissor não se responsabiliza completamente pelo que diz: *I think, I suppose, etc;*
- Expressões que indicam que teria sido melhor se o emissor não as tivesse emitido: *Frankly, to be honest, etc;*
- Mitigadores performativos ou enfatizadores como “ *I must admit*”;
- Expressões que colocam dúvida a respeito da verdade da proposição: *it seems that, they say;*
- Expressões que implicam distintos graus de probabilidade como: *definitely, probably, may, just may, might,* ou de quantidade como “ *more or less*”, “*approximately*”, “*in shor*”, “*all in all*”, etc (BROWN e LEVINSON, 1987).

6 CAPITULO VII

6.1 Análise do corpus

O corpus analisado consiste, primeiramente, de dez (10) cartas escritas por falantes nativos da língua Inglesa e publicadas em media on-line. Nessas cartas objetivou-se averiguar a realização das estratégias corteses apresentadas por Brown e Levinson (1987). Levando em consideração a existência da face do falante, buscamos encontrar as estratégias corteses necessárias à preservação da face na forma de estratégias negativas e *off-record*, por serem essas as estratégias que esperamos encontrar nas cartas de opinião. Ou seja, como o interlocutor está deslocado geograficamente e o canal de comunicação escrito não permite reparos (a não ser aqueles permitidos pela escrita) no possível dano em opinar em um canal de comunicação, imaginamos que essas estratégias visam a buscar uma proximidade com o interlocutor, acreditamos que na maioria das cartas a polidez positiva também estarão presentes em maior número. serão as mais utilizadas. Sabemos, contudo, que a polidez positiva também estará presente, mas como essa estratégia utiliza-se do mecanismo em buscar uma irmandade com o interlocutor, acreditamos que nas maiorias das cartas a polidez negativa e a *off record* estarão presentes em maior número.

6.2 Análise das cartas ao editor escritas por falantes nativos

Como já afirmado anteriormente, esperávamos também verificar a ocorrência da polidez positiva, em menor número visto que essa estratégia busca criar laços de semelhança, irmandade, entre o escritor e o leitor, através do uso inclusivo. Além disso, levamos em consideração as variáveis

sóciocontextuais- Poder, Distância, Seriedade do ato - propostas por Brown e Levinson (1987), presentes na escolha e uso de estratégias corteses. Queríamos assim, perceber se no universo das dez (10) cartas escritas por falantes nativos, e que versavam sobre variados temas, haveria alguma variação relevante com relação as estratégias corteses utilizadas. Assim, o entendimento no uso e variedade de ocorrência das estratégias pode vir a guiar-nos para o ensino de tais estratégias de maneira mais consciente e aprofundada. Além disso, como há uma riqueza de temas abordados, há naturalmente, uma no fator contextual "gravidade do ato". Acreditamos que a ocorrência das estratégias corteses pode nos ajudar a entender de maneira mais completa como as variáveis "Poder", "Distância" e "Gravidade do ato" se inter-relacionam dentro do gênero discursivo carta de opinião. Com a análise dos dados poderemos também perceber quais das variáveis contextuais atuam mais fortemente dentro desse gênero discursivo e, assim, compreender a maneira pela qual um falante nativo de língua Inglesa faz uso das estratégias corteses.

A análise das estratégias corteses presentes nas cartas de opinião escritas por falantes nativos revelou-nos o seguinte

A ocorrência de "we" e "your" encontrada em nossa pesquisa na estratégia "uso inclusivo" revela em si a tentativa do escritor em criar laços de irmandade entre ele e o leitor. Além disso, no decorrer de nossa análise, percebemos que as cartas de opinião revelam um uso bastante interessante na escolha da inclusão ou exclusão da voz do autor na carta. Assim, naquelas cartas que apresentavam uma baixa "gravidade do ato" foi possível perceber que o autor, na maioria dos casos, buscava criar um tom objetivo na carta. Ou seja, como a opinião do autor apresentava pouco risco a sua imagem, assim como à imagem do leitor, não se fazia necessário um elevado uso de estratégias corteses para a manutenção da face de ambos. No entanto, no decorrer de nossa análise percebemos que as cartas de opinião revelam um uso bastante interessante na escolha da inclusão ou exclusão da voz do autor na carta. Assim, naquelas cartas que apresentam uma baixa " gravidade do ato" foi possível perceber que o autor, na maioria dos casos, buscava criar um tom

objetivo na carta. Ou seja, como a opinião do autor apresentava pouco risco a sua imagem assim como à imagem do leitor, não se fazia necessário um elevado uso de estratégias corteses para a manutenção da face de ambos. Já naquelas cartas onde a gravidade do ato apresentava um grau elevado, foi possível perceber que se fazia uso de um elevado número de estratégias negativas e *off record*. Dessa maneira, através do uso dessas estratégias o autor realiza o ato de emitir sua opinião buscando causar riscos mínimos a face de ambos. Constatamos também que naquelas cartas que apresentavam uma relação simétrica de poder e que possuíam ainda um alto grau de "gravidade do ato", o autor colocava-se de maneira objetiva na carta. Além disso, percebemos que essas cartas não apresentavam um elevado número de estratégias corteses. Acreditamos que essa característica em não fazer um elevado uso de estratégias refere-se ao fato de ambos escritor-leitor estarem na mesma posição em termos de poder e, assim, não há uma preocupação tão elevada em se respeitar a face do ouvinte. Contudo, podemos perceber que, mesmo havendo uma relação simétrica em termos de poder, o escritor ainda faz uso de estratégias corteses, mas essas estratégias aparecem em menor número e o autor coloca-se, na maioria dos casos observados, de maneira objetiva no texto. Já naquelas cartas que apresentavam a variável "Poder" de maneira assimétrica foi possível perceber que os autores não se colocavam na primeira pessoa, buscando, assim, criar um tom mais impessoal a sua produção escrita.

A estratégia de ocultação do agente apresentou-se no gênero "carta de opinião" de maneira bastante elevada e seu uso demonstrou haver uma forte relação com as variáveis sóciocontextual "gravidade do ato" e "poder". Observou-se que nas cartas de opinião analisadas nessa pesquisa, as cartas que apresentam uma relação assimétrica em termos de poder entre o autor-leitor e que apresentavam um grau elevado para a variável sóciocontextual "seriedade do ato", a ocorrência da estratégia "ocultação do agente" se fazia presente em maior grau.

Como afirmamos no decorrer de nossa pesquisa, acreditamos na existência de um mecanismo mútuo de respeito onde aquele que deseja emitir uma

opinião buscará maneiras para modificar a força ilocucionária de um ato(*FTA*) para com isso realizar esse ato sem colocar em risco a sua imagem (*face*) assim como a face de seu interlocutor. Assim, verificamos que a língua inglesa, no gênero discursivo carta de opinião, faz um elevado uso de perguntas retóricas. Ou seja, o falante nativo busca realizar um *FTA* por meio do uso de perguntas retóricas para não expor diretamente sua opinião e, com isso, não colocar em risco a sua face.

A estratégia de ocultação do agente apresentou-se de maneira bastante elevada e seu uso demonstrou haver uma forte relação com a variável sóciocontextual "seriedade do ato" e "poder". Acreditamos também que a língua Portuguesa não faz um uso tão elevado de perguntas retóricas e que, por isso, essa estratégia cortês mostra-se bastante interessante quando temos em mente a necessidade de proporcionar aos aprendizes um conhecimento pragmático da segunda língua.

A estratégia cortês de utilizar-se da mitigação mostrou-se nessa pesquisa como uma das estratégias cortesias mais utilizadas nas cartas de opinião. Na análise das dez cartas produzidas por falantes nativos foi possível constatar que os falantes utilizam-se dessa estratégia para modificar a força ilocucionária de um ato. Além disso, constatamos que mesmo naqueles casos onde a seriedade do ato é baixa e a variável poder é simétrica, o uso da mitigação faz-se presente. No entanto, a mitigação parece ser motivada pela seriedade do ato, pois naquelas cartas onde a variável "seriedade do ato" era elevada as cartas, na maioria dos casos, apresentavam um grande número de mitigadores. Com base na teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson (1987), já prevíamos que a ocorrência da mitigação estaria presente nas cartas de opinião, mas não imaginávamos que a presença dessa estratégia seria tão fortemente presente. Constatamos assim, que os falantes utilizam-se de vários recursos disponíveis na língua para que o ato de emitir uma opinião seja recebido de maneira menos agressiva. Ou seja, os falantes buscam modificar a força de um ato ilocucionário para que possam emitir sua opinião e que no ato de emitir essa opinião, o falante possa criar possíveis saídas para não comprometer-se definitivamente com aquilo que diz e, assim, também não

impõe seu ponto de vista ao leitor, ou pelo menos, relativiza a imposição. Assim, constatamos que nas cartas de opinião coadunam o caráter objetivo e subjetivo na emissão de uma opinião e que, na maioria dos casos, o falante busca criar um tom mais subjetivo toda vez que a variável contextual "seriedade do ato" for alta.

A estratégia cortês "modalização" apresentou nas cartas de opinião analisadas nessa pesquisa uma ocorrência um pouco distinta daquela previamente prevista por nós. Com base na teoria da Polidez, acreditávamos inicialmente que a ocorrência dessa estratégia seria elevada visto que a língua Inglesa utiliza-se da modalização com o intuito de modalizar um verbo e assim, modificar a sua função. Quando se faz uso de verbos modais para se fazer uma sugestão, conselho ou obrigação, gera-se, em muitos casos, uma suavização ou fortalecimento da força ilocucionária de um ato. No entanto, com base nas cartas de opinião analisadas, percebemos que os falantes nativos utilizam-se de mitigadores de maneira mais elevada do que daquela apresentada na estratégia "modalização". Entendemos, assim, que no uso de mitigadores o falante consegue realizar a emissão de sua opinião de maneira menos agressiva que aquela que seria realizada quando do uso de verbos modais. Assim, o uso de mitigadores proporciona ao falante a possibilidade de alterar a carga ilocucionária de um ato para com isso não comprometer-se de maneira perigosa na emissão de sua opinião.

6.3 Análise das cartas ao editor escritas por falantes aprendizes

Nas cartas escritas pelos locutores aprendizes foi possível perceber que estes raramente utilizam-se da estratégia positiva de inclusão do ouvinte, como proposto por Brown e Levinson (1987). Ou seja, em raros momentos os locutores aprendizes utilizam-se da primeira pessoa do plural "we", "our". Nesse sentido, a partir das cartas escritas por locutores aprendizes e analisadas nessa pesquisa, foi possível perceber que os aprendizes utilizavam-se quase

exclusivamente, da primeira pessoa do singular "I". Dessa maneira, foi verificado que tais aprendizes não utilizavam-se das outras possibilidades presentes na língua inglesa que habilitam o escritor a criar o efeito de aproximação (*I+ you=we*). Além disso, foi possível verificar que os aprendizes não fazem uso da Polidez Positiva, visto que não se utilizaram de estratégias que pudessem incluir o leitor nas proposições escritas.

A estratégia cortês *off-record*, ocultação do agente, é quase inexistente nas cartas produzidas pelos aprendizes. Seu uso é tão limitado que pode-se mesmo considerar que os aprendizes não dominam essa estratégia de maneira competente. Estratégias como nominalização, passivização e ocultação do agente apresentam-se de maneira esporádica e, por sua ausência, deixam a carta com um tom direto, objetivo. Nesse sentido, nas cartas analisadas nessa pesquisa, os aprendizes não foram capazes de evitar o comprometimento e, por conseguinte, o risco em emitir uma opinião discordante.

Uma das estratégias mais utilizadas pelos aprendizes nas cartas e que parece ser resultante do discurso oral é o uso de *quality hedges* (*I think, in my opinion*). Assim, os aprendizes, na maioria dos casos, utilizam-se dessa estratégia como uma das maneiras para não se responsabilizar completamente pela verdade da proposição emitida.

Concluimos, então, que os aprendizes não utilizam daquelas estratégias corteses propostas nessa pesquisa e observadas de maneira saliente nas cartas produzidas pelos falantes nativos. O uso de mitigadores por parte dos falantes aprendizes, é mais elevado e consciente e parece ser utilizado de maneira mais segura. Ou seja, os falantes aprendizes parecem dominar o seu uso e essa estratégia (mitigação) leva as suas produções textuais a assemelharem-se, até certa medida, as produções textuais dos falantes nativos. Entretanto, o caráter direto das produções textuais dos aprendizes gera um tom pouco natural a suas produções, apesar das maiorias das cartas analisadas apresentarem um bom uso do sistema morfo-sintático da língua inglesa. O quadro abaixo irá nos ajudar na averiguação da diferença e/ou proximidade nas produções escritas de falantes nativos e aprendizes.

	NATIVOS	APRENDIZES
<p>O uso inclusivo</p>	<p>We overwhelmingly voted against a condo conversion of Vallecito Mobile Estates in a "required" ballot survey.</p> <p>When I watch the news, I see our enemy marching through the streets with the bodies of their dead over their heads, and the families crying for their loss.</p> <p>No one here has been able to sell their homes, and I understand the sign now may just as well say "keep out"</p> <p>One would hope that pharmacists would tell women about these facilities</p>	<p>In the other hand we have the ones who think elderly people are a problem for the development of big cities</p> <p>We need to admit younger people very often don't interact with older neighbors, even if they feel sympathetic towards them.</p>

	<p>Why am I not able to cry for our heroes?</p> <p>Using the code "I need to bring down my period," women in Washington Heights ask the pharmacist for an abortion drug</p> <p>OK, so is transsexualism now considered a biological disorder rather than a psychological one</p> <p>I've heard talk of brains of trans-people being examined and compared to the gender they want to be, but only after hormone treatments have already done their damage...</p> <p>Gun advocates will point to the 2nd Amendment -- "the right to bear arms" -- as a justification.</p>	<p>Why would she want to give that up?</p>
--	--	--

<p>A ocultação do agente</p>	<p>No one here has been able to sell their homes, and I understand the sign now may just as well say "keep out".</p> <p>One would hope that pharmacists would tell women about these facilities. New York women do not have to live with 19th-century care.</p>	
<p>As perguntas retóricas</p>	<p>Don't we want a city that includes children?</p> <p>Is our government afraid to show us the pain of this battle because we may not stay the course?</p> <p>OK, so is transsexualism now considered a biological disorder rather than a psychological one?</p> <p>Why can't I see our dead and show my support for the loss of a loved one</p>	

<p>A mitigação ou modalização</p>	<p>Maybe that's because I'm a young Oregonian from the Portland area, divorced from the issues of rural and Eastern Oregon; after all, I was only 11 when physician-assisted suicide became legal.</p> <p>I think that goes for a neighborhood's health too.</p> <p>Three-bedroom condos never seemed to come on the market -- the families who owned one of these stayed put to raise their kids.</p> <p>Perhaps highrise high-density condo developments could be better positioned to offer layouts that suit families, without pricing these units beyond their reach</p>	<p>Actually, they are a good alternative for the elderly</p> <p>If such restrictions are respected, the condo might prove to be the best option to take, especially in situations on which the elder is abused by his/her family.</p> <p>Condo's quality seems to be excellent, but is not enough.</p> <p>Restricting a community based on the age of the people who live there- that could be a little insulting in many ways (on a first though).</p> <p>It would be great to see developers and architects address the question of flexibility in designing for families and their changing needs</p>
--	--	--

6.4 Considerações Finais

O propósito inicial dessa pesquisa era a análise de um grupo de "cartas ao editor", escritas por falantes nativos e enviadas a periódicos de língua inglesa, com o intuito de averiguar quais e como são utilizadas as estratégias corteses nesse gênero específico. Em seguida, propomos a tessitura de uma "carta ao editor" por locutores aprendizes, para que, assim, pudéssemos analisar em que medida os locutores aprendizes se aproximam e/ou distanciam no uso das estratégias utilizadas por falantes nativos e propostos na Teoria da Polidez.

Foi possível constatar que os falantes nativos fazem uso elevado de algumas estratégias corteses (uso inclusivo- exclusivo, ocultação do agente, perguntas retóricas, mitigação- modalização) com o intuito de suavizar a possível agressão à face. Ou seja, essas estratégias corteses possibilitam ao falante realizar o desejo de expor suas opiniões sem, no entanto, colocar em risco sua face. Além disso, foi possível constatar que a variável "poder" atua diretamente na maneira pela qual os falantes nativos constroem sua opinião nesse canal de comunicação (cartas ao editor). Constatamos também, que naquelas cartas em que a variável "poder" era simétrica, os escritores a escreviam com um tom mais direto, possivelmente pela simetria em termos de poder. Concluímos então, que a necessidade de se proteger a face de ambos (escritor- leitor) realiza-se também no canal escrito de comunicação, como já presumíamos, de maneira bastante evidente e que o falante nativo utiliza-se de todos os recursos linguísticos possíveis para que, ao emitir sua opinião, não recaia sobre ele a responsabilidade completa daquilo que foi dito.

Já nas cartas produzidas pelos locutores aprendizes, pode-se afirmar que, apesar das cartas analisadas nessa pesquisa demonstrarem que os aprendizes apresentam competência lexical, gramatical, semântica e ortográfica, o uso escasso de algumas estratégias corteses leva as produções escritas a soarem não muito naturais visto que os falantes colocam-se muito fortemente de maneira direta.

Com relação às cartas, verificamos que as produções escritas dos falantes

nativos e dos falantes aprendizes apresentam diferenças bastante evidentes. Evidenciou-se, assim, que os falantes aprendizes produzem as estratégias corteses de maneira restrita e limitada. Além disso, suas produções escritas mostraram que, devido a ausência de certas estratégias corteses levariam, muito provavelmente, a um estranhamento, caso fossem lidas por um falante nativo. O caráter direto das produções textuais dos aprendizes gera um tom pouco natural a elas, apesar da maioria das produções escritas desses aprendizes apresentarem um nível de domínio morfo-sintático da língua inglesa. Constatou-se também que os aprendizes utilizam-se, quase exclusivamente, da modalização para realizar a emissão de uma opinião e, conseqüentemente, escolher a força ilocucionária pretendida. Nesse sentido, se por um lado, os falantes aprendizes apresentaram um bom domínio da estrutura morfo-sintático da língua inglesa, por outro, há um uso limitado de estratégias corteses. Nesse sentido, pode-se considerar que os aprendizes possuem competência gramatical em um sentido amplo, mas o domínio no uso de estratégias corteses é bastante restrito. Assim, se considerarmos que a competência pragmática exige um domínio no uso dessas estratégias, os aprendizes participantes dessa pesquisa ainda carecem de um conhecimento mais aprofundado no entendimento e uso das estratégias corteses. Acreditamos, então, que um possível recurso metodológico eficaz para o ensino das estratégias corteses, com vistas ao desenvolvimento da habilidade escrita por parte do aprendiz, seria a tomada de conhecimento por parte dos locutores do conceito de *face* apresentada por Brown e Levinson, assim como a prática das estratégias corteses. O ensino das estratégias corteses propostas por Brown e Levinson poderia levar os falantes aprendizes matriculados no último nível de escrita da Universidade Federal do Paraná a um uso mais eficiente e adequado dessas estratégias e, assim, suas produções escritas apresentariam, possivelmente, maior adequação pragmática. Além disso, como parece haver uma inter-relação entre o canal escrito e o canal oral de comunicação, o entendimento e prática das estratégias corteses no canal escrito pode levar os aprendizes a tomada de conhecimento da possibilidade de uma comunicação mais fluida por meio do uso das estratégias corteses.

Nesse sentido, a reflexão metapragmática por meio de textos produzidos por nativos e aqueles produzidos por aprendizes mostra-se como uma necessidade indiscutível para que um conhecimento pragmático da segunda língua seja alcançado. Consideramos que o estudo desenvolvido nesta dissertação pode contribuir para o aprimoramento das estratégias de ensino de língua estrangeira, visto que em nosso contexto nacional há poucas oportunidades de uso real da língua alvo para a maioria dos aprendizes de língua inglesa. Assim, o trabalho em sala de aula com "cartas de opinião" pode ajudar a sanar essa carência e a tão buscada competência pragmática pode vir a ser desenvolvida de maneira mais consciente.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Glenda. (1976). *Lies and Stories*. New York, Cane Hill Press.
- ALCÓN, E. (2000b). Learner-training towards autonomy in the Spanish university context. In Ribé, R. (Ed.), *Developing learner autonomy in foreign language learning* (pp. 109-118). Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias.
- BANNEL, Ralph Ings, Habermas & a educacao, Belo Horizonte: Autentica, 2006.
- BOU-FRANCH, P. y GARCÉS-CONEJOS, P.: “ La presentación de la imagen en conversaciones entre hablantes natives y no natives de ingles, “ *Pragmalinguística* nº 2.
- BROWN, P. and LEVINSON, S. (1987) *Politeness: Some universals in language usage*.
- Brumfit, C. & Johnson, K (eds.) (1979) *The communicative approach to language teaching*. Oxford, OUP.
- Canale, M. (1983). From communicative competence to communicative language pedagogy. In J. C. Richards and R. W. Schmidt, eds. *Language and Communication*. New York: Longman.
- Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- Acesso em: 10 de Março de 2010.
- Disponível em: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/cadre_en.asp
- CHOMSKY, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- DURKHEIM, E. *The elementary forms of religious life*. New York/London: The Free Press, 1915.
- ELLIS, R. (1994) *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- FRASER, B. (1975): ' Hedge Performatives' em COLE, P e MORGAN, J.L. : *Syntax and Semantics*.
- GUMPERZ, J. J. (2001). Interactional sociolinguistics: A personal perspective. In D. Schiffrin, D. Tannen, and H. E. Hamilton, eds. *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden, MA: Blackwell

- GRICE, H.P. Logic and conversation. In: Cole, P.; Morgan, J. (eds). *Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. (Volume 3: syntax and semantics)
- HALLIDAY, M.A.K., (1973) *Explorations in the development of Language* (Explorations in the language study), Londres: Arnold
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HYMES, Dell, 1974, *Foundations in Sociolinguistics. An Ethnographic Approach*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- KASPER, G. (1992): "Pragmatic Transfer", *Second Language Research*, 8, pp.203-231.
- KRASHEN, Stephen, 1985. *The input Hypothesis: Issues and Implication*. London: Longman. *Language and Communication*, Singapore: Longman, pp.2-27.
- KOIKE, D. A. Requests and the role of deixis in politeness. *Journal of Pragmatics*, n. 13, p. 187-202, 1989.
- LANTOLF, J.P. (2000): *Sociocultural Theory and Second language Learning*, Oxford. Oxford University Press
- LEECH, G. (1996). *Principles of pragmatics*. London: Longman.
- MATTHEWS, P. H (1997): *Oxford Concise Dictionary of Linguistics*, Oxford: Oxford University Press.
- MESTHRIE Rajent, JOAN Swann, DEUMERT Andrea e WILLIAN L. Leap, *Introducing Sociolinguistics*, pp:316-53. Philadelphia, PA: John Benjamins.
- MILLER, Arthur. (1961) *Death of a Salesman*. New York: Penguin Books.
- MCCARTHY, M. (1991): *Discourse Analyses for language teacher*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SPERBER, D. and WILSON, D. (1986): *Relevance, Communication and Cognition*, Oxford: Basil Blackwell.
- SAVILLE- TROIKE, Muriel. (2005) *The Ethnography of communication: an introduction*. *Introducing Second Language Acquisition*. Cambridge University Press.
- SAVILLE- TROIKE, Muriel (2006) *Introducing Second Language Acquisition*. Cambridge University Press.

SEARLE, J. (1979): " Indirect Speech Acts", en Expression and Meaning, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 30-37.

SCHMIDT, R. (1993): Consciousness, Learning and Interlanguage Pragmatics in Kasper, G. y BLUM- KULKA, S. (eds): INTERLANGUAGE PRAGMATICS.

SWALES, J.M (1990): Genre Analysis: English in Academic Setting, Cambridge: Cambridge University Press.

TANAKA, S & KAWADE, S. (1982): 'Politeness Strategies in Second Language Acquisition em Studies in Second Language Acquisition, n0 5, pp18-33.

THOMPSON, G. (1996). Some misconceptions about communicative language teaching. ELT Journal, 51, 9-15. Thomas, J. (1983). Cross-cultural pragmatic failure. Applied Linguistics , 4: 91-112

WEIZMAN, E. (1993). "Interlanguage Requestive Hints", em G, Kasper & S. Blum-Kulka (eds Interlanguage Pragmatics, Oxford: Oxford University Press, 123-137.

Disponível em: <http://blogs.venturacountystar.com/letters/archives/2006/09/>

<http://blogs.scripps.com/cgi-bin/mt/mt-search.cgi?IncludeBlogs=>

Acesso: 05 de Agosto de 2009

Disponível em: <HTTP://americancity.org/daily/entry/830>

Acesso: 02 de Agosto de 2009

Disponível em:

[http://victoria.wetpaint.com/page/Where+will+the+families+live%3F+\(Focus+Magazine\)](http://victoria.wetpaint.com/page/Where+will+the+families+live%3F+(Focus+Magazine))

Acesso: 02 de Agosto de 2009.

Disponível

em:

<http://www.nytimes.com/2009/01/12/opinion/12abort.html?scp=3&sq=letters%20to%20the%20editor+opinions%20for%20abortion&st=cse>

Acesso: 20 de Agosto de 2009

Disponível

<http://www.cnn.com/2010/WORLD/europe/03/15/vatican.priests.sexual.abuse/index.html?iref=allsearch>

Acesso: 20 de Março de 2010

Anexo I

Cartas escritas por falantes nativos e publicados na media on-line

- 1- Condo convergion wrong¹ (O erro da conversão de condomínio)
- 2- A diverse population in both income and age is necessary for a region's health.²(Uma população diversa em renda e idade é necessária para a saúde de uma região)
- 3- Where will the families live?³(Onde as famílias irão morar?)
- 4- Are we afraid of truth?⁴ (Nós estamos com medo da verdade?)
- 5- Your article points out that for some women abortion care has not changed in more than 100 years.⁵ (O seu artigo aponta que o aborto não mudou nos últimos 100 anos)
- 6- 40 Years Later, Still Second-Class Americans⁶ (40 anos depois, ainda americanos de segunda classe)
- 7- The Way We Die Now⁷ (O jeito que nós morremos agora)
- 8- Second Chance | Sex Change⁸ (Uma segunda chance, mudança de sexo)
- 9-.Guns in the parks ⁹ (Armas nos parques)
- 10- Pope's ex-diocese suspends sex-abuse priest ¹⁰ (A ex-diocese do Papa suspende um padre acusado de abuso)

Documento 1: (Condo convergion wrong)

Poder: Assimétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Baixa

E1: We overwhelmingly voted against a condo conversion of Vallecito Mobile Estates in a "required" ballot survey.

E2: If this condo conversion is allowed to take place, it will be devastating to all of us seniors, especially the many who are low-income and disabled.

E3: No one here has been able to sell their homes, and I understand the sign now may just as well say "keep out".

E4: Unfortunately, it would appear that if we lose our homes, other mobile home parks in our county could easily fall prey to their park owners as well.

E5 : "One resident who was able to sell just before the sign went up got about half of what he originally paid not so long ago

E6: It's an absolute shame that people have to resort to this kind of greed -- taking from the elderly, the poor and disabled to pad their already fat pockets.

Estratégias corteses:

Temos no enunciado (1) o uso inclusivo "We" (I + they - you= we (Estratégia de deferência; excludente).

Já no enunciado 2, temos o uso do mitigador enfatizador "devastating".

Há no enunciado 3, o uso da ocultação do agente em "one". (nominalização)

No enunciado 4, há o uso do mitigador "unfortunately" e temos ainda o uso inclusivo "We" (I+ they(- you)= we. Estratégia de deferência.

No enunciado 5, temos o uso da ocultação do agente em "one". (nominalização)

No enunciado 6, temos também o uso de um mitigador enfatizador "absolute shame".

Documento 2 (A diverse population in both income and age is necessary for a region's health)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: baixa

E1: I think that goes for a neighborhood's health too. The thing I love about my neighborhood is its diversity in population and activities.

E2: Also in the suburbs, your kids are unlikely to find housing or jobs in your neighborhood when they're ready to leave the nest—which also leaves parents with less reason to remain in the neighborhood after their kids leave.

E3: I'm overjoyed to see many elderly people taking advantage of the walkable

streets in my neighborhood every day, going to the grocery store two blocks away with their walker.

E4: Unfortunately, it would appear that if we lose our homes, other mobile home parks in our county could easily fall prey to their park owners as well.

Estratégias corteses:

No enunciado 1, há o uso de um mitigador de qualidade (*quality hedges*) “I think that goes...”

No enunciado 2, temos o uso de “ your” que é uma estratégia para aproximar-se de maneira direta ao leitor.

No enunciado 3, há o uso da forma pessoal “I” em :” I’m overjoyed” (Estratégia de solidariedade para com leitor). Há, ainda, a presença de um enfatizador como: "overjoyed".

No enunciado 4, há o uso do mitigador enfatizador “*unfortunately*”. A sentença é construída de maneira tal que a ironia alcançada expõe a opinião do falante sem, no entanto, haver agressão a imagem do interlocutor. Ou seja, faz-se uso da estratégia indireta.

Documento 3 (Where will the families live?)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: baixa

E1: where will the families live?

E2: Don't we want a city that includes children?)

E3:Nearly fifteen years ago, with 2-months-old son in arms, my husband and I began looking for a home to buy.

E4: At the time, we lived in Boston, Massachusetts, and we wanted to stay close to Boston's downtown core.

E5: We searched primarily in Cambridge, Mass., for its walking proximity to my workplace, to downtown, and its easy commute to the Rt.128 technology corridor.

E6: In this precinct, a house was completely out of the question, but we were happy to look for a suitable condo.

E7: What we wanted was access to libraries, museums, cafes, parks, vibrant street life, friends, and music.

E8: What happened was the following: we saw a parade of two-bedroom condos, put on the market by people just like us (early- to mid-30s) who had moved in with one babe in arms and were now busting at the seams after the arrival of child #2.

E9: Three-bedroom condos never seemed to come on the market -- the families who owned one of these stayed put to raise their kids.

E10: So we ended up moving to Boston's North Shore, where we bought a 5-bedroom 1904 house in need of TLC for about the same amount as a 2-bedroom condo in Cambridge.

E11: For 11 years we added to the commuter crunch and the sprawling of Boston -- well, actually, our little city of Beverly quickly got too expensive for beginners, and people moved even further afield: to New Hampshire.

E12: I welcome current residential highrise developments in Victoria, but your question "where will the families live?" goes unanswered by prevalent apartment configurations.

E13: It would be great to see developers and architects address the question of flexibility in designing for families and their changing needs.

E14: We need more 3-bedroom options, or the option of combining 2-beds with studios apartments.

E15: Additional bedrooms would meet another need: on the one hand they help enable the work-live option, allowing people to use their condos to meet clients or set up their business equipment; on the other, they offer elderly residents the option to have a caregiver or companion move in -- perhaps even in exchange for room and board (yes, it's almost a "secondary suite" in a condo scenario, but with increasing densification, why not?).

E16: Right now, a single person or a couple can "live-work" in a 2-bed, but it's too small for couples with children even to carve out an "adult zone" (i.e., a study for their own quiet work).

E17: Meanwhile, former 5-bed houses in Victoria neighbourhoods like Fairfield are converted to 2-bed, 1-bed, and studio multi-plexes, again restricting the family living option.

E18: Of course young families are going to move to the boonies -- even if they could afford the \$500K-plus price tag of these 2-bed "heritage" conversions.

E19: Perhaps highrise high-density condo developments could be better positioned to offer layouts that suit families, without pricing these units beyond their reach. It would be great if they did -- imagine seeing more children in Victoria's downtown...

- Yule Heibel

Estratégias corteses:

No enunciado 1, podemos perceber o uso de uma pergunta retórica. (where will the families live?).

No enunciado 2, temos também o uso de uma pergunta retórica. (Don't we want a city that includes children?)

Já no enunciado 3, temos o uso inclusivo (I+ they- you= we; Estratégia de deferência).

No enunciado 5, temos o uso de um mitigador de probabilidade "perhaps", por exemplo.

No enunciado 6, há o uso do "we" estratégia de aproximação (I + they- you).

No enunciado 7, faz-se uso do "we" (I +they- we) que é uma estratégia de deferência.

No enunciado 8, temos a presença de um mitigador em "...condos never seemed to come..".

No enunciado 9, o autor faz uso, novamente, do "we" (I + they-you) que é uma estratégia de deferência.

No enunciado 10, temos um mitigador em "actually"

No enunciado 11, temos o uso de uma pergunta retórica em "where will the families live?"

No enunciado 12, temos o uso de uma modalização em " It would be great...".

No enunciado 13, temos, novamente, o uso do "we" (I + they- you) que é uma estratégia de deferência.

No enunciado 14, temos o uso de uma modalização em " ...would meet...", e o uso de um mitigador " perhaps".

No enunciado 17, temos o uso da modalização em " It would be great" .

No enunciado 18, temos o uso de uma estratégia Off-record quando o falante faz uma pressuposição como em:"-- imagine seeing more children in Victoria's downtown..."

Documento 4 (Are we afraid of truth?)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Alta

E1: Why am I not able to cry for our heroes?

E2: When I watch the news, I see our enemy marching through the streets with the bodies of their dead over their heads, and the families crying for their loss.

E3: I ask myself, "Do we have families in pain, families who have loved ones that have given their lives in this battle for 9/11??"

E4: Why can't I see our dead and show my support for the loss of a loved one?

E5: Are we so lost in our fear of this war that we can't comfort the families that have paid a price we all fear?

E6: Is our government afraid to show us the pain of this battle because we may not stay the course?

E7: Who, what and where are the basic questions of freedom. Why are we not asking these questions?

Estratégias corteses:

Temos já no enunciado (1) uma pergunta retórica em "Why am I not able to cry

for our heroes?

No enunciado (2) temos o uso da polidez positiva através do uso inclusivo de “our” que é uma estratégia positiva.(Busca por conhecimento compartilhado).

No enunciado (3) temos novamente o uso do "I" que é uma estratégia de solidariedade para com o leitor e uma pergunta retórica em "Do we have families in pain, families who have loved ones that have given their lives in this battle for 9/11???"

No enunciado (4) há novamente uma pergunta retórica em "Why can't I see our dead and show my support for the loss of a loved one?"

No enunciado (5), faz-se, mais uma vez, uso da pergunta retórica em "Is our government afraid to show us the pain of this battle because we may not stay the course?"

O enunciado (6) faz uso, mais uma vez, de uma pergunta retórica em "Who, what and where are the basic questions of freedom. Why are we not asking these questions?"

Documento 5 -(Your article points out that for some women abortion care has not changed in more than 100 years.)

Poder: Assimétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Alta

E1: Using the code “I need to bring down my period,” women in Washington Heights ask the pharmacist for an abortion drug.

E2: In the 1800s, newspapers and the religious press in the United States carried ads for medicines that would cure “blocked” menstruation.

E3: Such ads stated that the product should not be used by married ladies.

E4: This was a code that the product could cause an abortion, thus telling women who wanted to end a pregnancy to buy the product.

E5: On the other hand, this is the 21st century. Some teenagers are going to the Internet for instructions on a do-it-yourself abortion.

E6: I went online to see what information was out there and was horrified by

what I found.

E7: On one site the reader is instructed to insert implements vaginally and then head for the emergency room once the hemorrhaging starts.

E8: But as a pediatric nurse practitioner in Washington Heights, I know there are clinics that provide safe, confidential care for teenagers.

E9: Confidential care is the law of the state. One would hope that pharmacists would tell women about these facilities. New York women do not have to live with 19th-century care.

E10: Poor women in other states may not have a choice.

Carol Roye

Pleasantville, N.Y., Jan. 5, 2009

The writer is assistant dean (acting) for research and a professor of nursing at Hunter College.

Estratégias corteses:

Temos nos enunciados 1 e 2 o uso de sentenças onde há o uso do eufemismo como : "I need to bring down my period" e " blocked menstruation" que é uma estratégia *off -record*

No enunciado 6, temos o uso do "I" que é uma estratégia onde o escritor busca gerar solidariedade para com o leitor.

No enunciado 8, temos novamente o uso do "I" para gerar uma adesão do leitor a tese proposta pelo escritor.

No enunciado 9 temos o uso de uma nominalização em: " One would hope that pharmacists...".

Documento 6-("40 Years Later, Still Second-Class Americans)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Alta

E1: As a 19-year-old gay American who cast my first ballot last year for Barack Obama, I read Mr. Rich's column with great interest.

E2: I voted for Mr. Obama because I hoped that he would act, in his own words, as a "fierce advocate" for gay Americans.

E3: So far, he has failed to live up to that promise.

E4: Under current American law, I am not allowed to serve openly in the military; I am not allowed to marry in most states; and I cannot receive many health, Social Security and tax benefits available to most Americans.

E5: So far, I'm still waiting for the change I voted for. And gay Americans will keep waiting -- and keep struggling -- until we are recognized fully as citizens, afforded the rights guaranteed to us by the Constitution.

Peter W. Fulham

Estratégias corteses:

No enunciado 1, o falante coloca-se na primeira pessoa, sendo essa uma estratégia de solidariedade para com o leitor.

No enunciado 2, o falante novamente coloca-se na primeira pessoa fazendo uso da estratégia de solidariedade para com o leitor.

No enunciado 4, o falante utiliza-se por várias vezes da primeira pessoa gerando um caráter pessoal a carta.

No enunciado 5, o falante faz uso de um mitigador em " I'm still waiting for the change". Onde "still" funciona como um enfatizador.

Documento 7 (The Way We Die Now)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Alta

E1: As an Oregonian, I think that the Death with Dignity act, and the way of living that allows the act to endure, is usually miscast by the media.

E2: Maybe that's because I'm a young Oregonian from the Portland area,

divorced from the issues of rural and Eastern Oregon; after all, I was only 11 when physician-assisted suicide became legal.

E3: It has been a part of my discussions about Oregon since I was a child, and something that I regard as part of what makes Oregon unique.

E4: Death with dignity, as Egan shows, is much more than physician-assisted suicide; it represents choice, whether to fight with all you've got or savor the quality of the time you have left.

E5: Those in my family who have died in the past ten years chose dignity, though not suicide, in various ways.

E6: All have had hospice care in their last days; my grandfather died when my family was visiting the house.

E7: None chose to spend their last days in a hospital, and I can't imagine doing so either.

— S.C

Estratégias corteses:

No enunciado (1) o escritor faz uso do "I" que é uma estratégia de solidariedade para com o leitor. No mesmo enunciado ele faz uso de um mitigador em "think". (*quality hedge*)

O enunciado (2) inicia com um mitigador "Maybe"

No enunciado (3) temos o uso da voz passiva em "it has been part of my discussions".

No enunciado (7) temos o uso da nominalização em " no one chose to spend".

Documento 8 (Second Chance | Sex Change)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Alta

E1: OK, so is transsexualism now considered a biological disorder rather than a

psychological one?

E2: I've heard talk of brains of trans-people being examined and compared to the gender they want to be, but only after hormone treatments have already done their damage...

E3: My experience has been mostly with female-to-males, because it's very VERY popular right now.

E4: Does anybody have a theory as to why so many young (previously lesbian) women think they're supposed to be men these days?

E5: Hormones in the food supply? Increasing polarization of gender-roles?

— Cat

Estratégias corteses:

No enunciado (1) temos o uso da ironia que é uma estratégia *off-record* inserida em uma pergunta retórica.

No enunciado (2) o falante faz uso, novamente, da ironia uma vez que ele afirma " ..have already done their damage".

No enunciado (3) há o uso de um enfatizador " very, very popular right now".

No enunciado (4) o escritor novamente faz uso da ironia em uma pergunta retórica ao constatar o porquê tantas mulheres acreditam ter a mente de um homem e não serem, simplesmente, lésbicas.

Há no enunciado 5, o uso de ironia inserido na pergunta retórica.

Documento 9: (Guns in the parks)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Alta

E1: After reading this article, I ask myself: "Why?"

E2: Why the need for someone to carry a loaded weapon into a national park?

E3: What is the fear these people feel, that they believe that they must carry a weapon -- in some cases a concealed and loaded weapon -- into a park?

E4: Individuals may now also carry these weapons into the restaurants, gift shops and hotels located within these parks.

E5: Gun advocates will point to the 2nd Amendment -- "the right to bear arms" -- as a justification.

E6: I say there is enough bloodshed in this country because of the use of firearms.

E7: Stop this senseless worship of the gun.

Hugo Pastore
Torrance

Estratégias corteses:

No enunciado 1, temos a presença do uso inclusivo " I" para criar o efeito de solidariedade para com o leitor e o uso de uma pergunta retórica.

Nos enunciados 2 e 3, temos o uso de perguntas retóricas em: "Why the need for someone to carry a loaded weapon into a national park?" e " What is the fear these people feel, that they believe that they must carry a weapon -- in some cases a concealed and loaded weapon -- into a park?"

No enunciado 4, temos o uso de uma nominalização em " Individuals".

No enunciado 5, temos o uso estratégia *off-record* através do uso da elipse em: " the right to bear arms" .

Documento 10: (Pope's ex-diocese suspends sex-abuse priest)

Poder: Simétrica

Distância: Alta

Gravidade do ato: Alta

E1: Who cares what policies they have 'internally'?

E2: This is not a matter which should be allowed to be 'self-policed'.

E3: If Priests break the law by abusing children, the Catholic Church is complicit if they do nothing to assist regular law enforcement with investigating, or prosecuting.

E4:Condoning this behaviour by praying-your-way-to-salvation, or worse, hiding it from authorities altogether has always been the official Catholic mantra, and that needs to change.

E5:I don't care what they do internally.

VeeRobillard

Estratégias corteses:

Temos no enunciado 1 o uso de uma pergunta retórica.

No enunciado 2 temos o uso da ironia em " self- policed".

Há no enunciado 4 o uso da ironia em: "Condoning this behaviour by praying-your-way-to-salvation, or worse, hiding it from authorities altogether has always been the official Catholic mantra..."

ANEXO II

- 1) Read the text carefully:

Delaware Condos For the Elderly

If you are an older person living in Delaware, you might be thinking about living in a condo for older people. You should therefore know that the housing industry is catering to the demographic bulge and relative wealth of seniors by building a huge range of brand-new age-specific housing, sometimes of luxurious quality.

Age restrictions can be set at over eighteen, over about forty years old, fifty or even about sixty years of age. Remember that the actual average age of residents will be a few years older than the minimum. Keep in mind that there may also be a very few residents younger than the minimum age, as usually only one person of a couple needs to be of the minimum age in order for the couple to qualify for residency.

However, some adult-oriented Delaware condo buildings have been around for decades and offer modest, affordable, housing that is no more than many older people need or desire. Another option altogether, of course, is seniors-oriented rental housing, for those who no longer want money tied up in a home, or who may expect to relocate soon, perhaps to a care facility.

The advantages to a life lease, which is another Delaware condo option include no legal costs to buy or sell, and the quick guaranteed sale of the home back to the sponsoring church or non-profit society when it's time to move on. What happens is that you can get the lease for an apartment or townhouse home at the current appraised value, and eventually sell back to the society at the appraised value at that time, which takes into account improvements you might have made. The value of age restriction in Delaware condominium is more than just keeping out the noisy young pups. You should realize that a social group is created, and often amenities are available that together create a village atmosphere.

Some people might not think that age restriction is legal, but courts seem to confirm that it's reasonable discrimination to allow people to choose the nature of their social community, and customize it to that extent. As long as the restriction was disclosed at the outset, is detailed in the bylaws, and is registered as a restriction on every Delaware condominium property title before their sale to the initial buyers, the restriction is enforceable.

A different question would be converting an adult-oriented Delaware condo community to an age-restricted one. In law that would be exceedingly difficult, and politically it is virtually impossible. If we want an age-restricted Delaware condo community, there are a boggling number of options in most urban centers, so there's no need to create your own. There are so many options that you might want a Realtor who knows the seniors' market to serve you toward finding just the right one. Whether luxurious or modest, these Delaware condo communities usually offer a thriving in-house social life of movie nights, cribbage tournaments, billiard games, birthday parties and joint

outings. Some are attached to a church that sponsored the development in the first place.

There are some others that are next to a golf course that acts as the backyard to all of the owners. A few have in-house meals service as an option, so residents can move from independent living to partly-assisted living. Seniors have an array of adult-oriented housing options once the single-family home is too big or too much to take care of any more. Urban centers offer adult-oriented Delaware condominiums, adult age-restricted Delaware condos, aging-in-place staged Delaware condo housing and even life-lease options that are almost Delaware condos, but not quite. As well, while Delaware condos for seniors are commonly apartment-style, they can be townhouses or bungalow-style one-level attached homes as well.

2) After reading this text, write a letter to the editor of a journal in which you express **your opinion** upon the theme “Condo for the elderly”. Don’t forget that in this kind of letter you have to express your opinion in such a way to **prevent being aggressive and/or impolite** to the reader. The letter might have a maximum of 30 lines.

ANEXO III

Nome (opcional):

Idade: 24 anos

Nacionalidade: Brasileira

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil:

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 8 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?

Não.

E1: In my opinion, condos for the elderly are an interesting option for older people to live.

E2: The elderly may have some difficulties in ordinary neighborhood, for instance, harmful sidewalks and stairs.

E3: By living in a place specially developed for people in their age, they may avoid these kind of difficulties.

E4: Besides, I believe that these condos offer attractive activities for the elderly, such as movie nights, billiard games and birthday parties. This way, older people can have fun without demanding from their family to drive them far away, for example.

E5: Moreover, I think that older people who live in condos are never lonely, because they can make friends with the same interests.

E6: Sometimes, their family can visit them only in weekends and they would spend weekdays by themselves.

E7: Having friends is necessary to avoid mental diseases, like depression, mainly for older people.

E8: Other positive aspect in condos is the in-house meal service.

E9: When people have this option, they do not need to worry about cooking for only one or two.

E10: Besides, this service guarantees that the elderly are going to have healthy

E11: Considering the issues described above, I believe that condos are not segregation.

E12: Actually, they are a good alternative for the elderly.

E13: Regarding older people's necessities, I think that they deserve a place like the condos to live.

Estratégias corteses:

No enunciado 1, temos o uso de um "*quality hedge*" em "In my opinion".

o enunciado 2, há o uso de um modalizador "may" (...elderly may have some difficulties...)

No enunciado 3, há o uso de um modalizador "may" (...they may avoid...)

No enunciado 4, há o uso de um *quality hedges* em "I believe that".

No enunciado 5, há o uso de um *quality hedges* em "I think that"

No enunciado 11, há o uso de um *quality hedges* em “I believe that”

No último enunciado há também o uso de um mitigador em “I think that”.

No enunciado 12, há o uso de um mitigador " actually". A carta apresenta um caráter direto e apresenta motivos para a sustentação da opinião do autor.

Nome (opcional):

Idade: 20 anos

Nacionalidade: Brasileira

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil:

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 6 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?

Espanhol, 1 ano.

E1: What first comes in my mind when I think about this idea of building up a condo that is exclusively thought for elderly people is: "It's such a great idea."

E2: Imagine all the noise and the trouble they would be avoiding if they got rid of big cities.

E3: Creating a community for themselves can sound as a good solution.

E4: In one hand we have the elderly living a life with peace, that this isolation would give.

E5: In the other hand we have the ones who think elderly people are a problem for the development of big cities.

E6: But both are wrong from my point of view.

E7: A society is made of people dealing with the difference and one of them is age.

E8: We should cross these borders.

Estratégias corteses:

No enunciado 1, temos o uso de um *quality hedges* “I think about this idea”

Há no enunciado 2, o uso da polidez positiva em “Imagine all the noise and the...” (estabelecimento de conhecimento compartilhado)

No enunciado 3, temos o uso de um “we” genérico (I+ they+ you) que é uma estratégia polidez positiva.

No enunciado 7, temos o uso de um “we” generic em “We should cross ...”.

O autor faz uso da voz direta para expor suas opiniões e há uma ausência de estratégias corteses.

Nome (opcional):

Idade: 19 anos

Nacionalidade: Brasileiro

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil:

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 10 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?

Não.

To the editor, regarding the article: " Delaware condos fot the Elderly."

E1:Condos for the elderly! At first, I didn't think that was such a good idea.

E2: Restricting a community based on the age of the people who live there- that could be a little insulting in many ways (on a first though).

E3: People could look at such a condominium and immediately relate that to a nursing home;or to a place where the elderly would go and just wait for their time to leave this world; or, even the elderly could think: "Oh! Now they want us to retreat from the community, to get away and leave the youngsters in place".

E4: However, this image I had of these condos changed after reading this article.

E5: Living at a place where the majority of people are your age, or at least very close to your age, can be an excellent idea.

E6:You'll meet people who probably have the same views of the world as you do; you'll enjoy all this calm atmosphere, as the article says; and also, since it's a sponsored/private community, you can enjoy better security.

E7: Considering all these things, plus the activities that are offered in many of the condos, I would probably live in one when I get older.

E8: The article was very convincing and well- written.

Estratégias corteses:

Temos no enunciado 1, o uso de um “I” sendo utilizado como uma estratégia de solidariedade para com leitor.

No enunciado 3, há a presença da nominalização em “People could look at such a condominium...” Há ainda o uso da elipses em: " Oh! Now they want us to retreat from the community, to get away..."

No enunciado 4, há novamente o uso de um “I” sendo utilizado como estratégia de solidariedade ao leitor.

No enunciado 6, temos o uso de “You” que é uma estratégia positiva de polidez e visa aproximar-se de maneira direta ao leitor.

No enunciado 7, há o uso da modalização em “I would probably live...’

Nome (opcional):

Idade: 18 anos

Nacionalidade: Brasileira

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil:

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 13 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?

Estudei Espanhol por 3 anos.

Mr. Editor,

E1: I am writing this letter to express my approval of the projects of condos for the elderly.

E2: While I believe that elders should be cared for by their families, there are situations when they cannot adequately provide love and support to the elder.

E3: Living in a condo for elderly people is a good option in such situations, as

long as is optional- elders should not be forced to live in such places, if they do not want to-, and as long as it does not replace the care facilities for people who cannot appropriately look after themselves, and suffer from the malaties of the old.

E4: If such restrictions are respected, the condo might prove to be the best option to take, especially in situations on which the elder is abused by his/her family.

E5: The elder will have the opportunity of making friends, of engaging in pleasurable activities, of growing in independency, and,- the most important aspect- to lead their lives with dignity.

Estratégias corteses:

No enunciado 1, há o uso “I” em “I am writing this letter...” como uma estratégia de solidariedade ao leitor.

No enunciado 2, há o uso de um mitigador performativo em “I believe that”

No enunciado 4, há o uso de um modalizador em “the condo might prove to...”

Nome (opcional):

Idade: 28 anos

Nacionalidade: Brasileira

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil:

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 4 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?

Não.

E1: I am not sure about the benefits offered by Condos for the Elderly.

E2: Even though it is a great idea, an artificial life can be depressive.

E3: Condo’s quality seems to be excellent, but is not enough.

E4: Older people love attention, they are like children, depending on the age.

E5: They like to talk, play cards, and they need to feel that family love them.

E6: The condominium can be a place for family to give away from older people

and convince themselves that they did the best thing.

E7: If a relative lives in a place like that, he/she has everything he needs.

E8: But material things, not family's care that they really want.

E9: I would like to emphasize that the Delaware Condo is a brilliant idea and it seems to have the perfect structure, but I think older people with less contact with young people will feel older than they really are.

Estratégias corteses:

No enunciado 1, há o uso do pronome pessoal "I" que é uma estratégia de solidariedade para com o leitor.

No enunciado 2, há o uso de um mitigador "seems"

No enunciado 3, temos uma impersonalização em "older people love attention...".

Já no enunciado 5, temos o uso de um "they" que é uma estratégia distanciamente quando se refere ao leitor.

No enunciado 9, temos novamente o uso de um "I" que é uma estratégia de solidariedade para com o leitor.

Nome (opcional):

Idade: 19 anos

Nacionalidade: Uruguaia

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil: 4

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 10 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?

Não.

E1: While reading your article on Elderly Condos in Delaware I was overwhelmed with the different opinions on the subject.

E2: However, after giving it more thought I concluded that I can't agree with this idea.

E3: Although I think it is a good concept, that older people need calm and time to relax shutting themselves off from the world can't be the best solution.

E4: I think of my grandmother, she lives alone in a small apartment in a neighbourhood where she can visit my aunt, go to the supermarket and gossip

with her neighbors.

E5: Why would she want to give that up? I'm really glad she doesn't.

E6: The program of buying and selling to elderly can be implemented in open neighborhoods and not be limited to private condos that would certainly be an improvement in elderly life.

E7: The same goes for these "recreational activities", they could take place in some sort of community center for the elderly, A place where cribbage tournaments or joint outings could be organized, giving older people to socialize and have some peace of mind while still living in community life.

E8: I don't know about you, but I can't accept a phrase such as 'reasonable discrimination'.

E9: First, young people can not live in these private condos.

E10: Next thing you know, they won't even be able to visit their grandparents because they too could, leading to complete alienation of the elderly.

E11: I refuse to accept this is the best life a senior citizen can lead.

Estratégias corteses:

No enunciado 1 o locutor se coloca na primeira pessoa do singular. Há, ainda, o uso de um mitigador em "overwhelmed".

No enunciado 2, há o uso da modalização em : " I can't".

No enunciado 3, há de um "quality hedge" em " I think.

No enunciado 4, há novamente o uso de um "quality hedge" em " I think of".

No enunciado 5, há o uso de um pergunta retórica que é uma estratégia *off-record*.

Nome (opcional):

Idade: 19 anos

Nacionalidade: Brasileira

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil:

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 5 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?
Alemão (1 ano); Holandês (1 ano).

To the editor,

E1:I have read the article ' Condo for the elderly', published in your journal, and I felt the urge to express my opinion towards it.

E2:I believe these sort of age-oriented condos may be very favorable for the seniors, specially for the ones who do not have a family anymore.

E3: Being a member of a big family myself, I see how my grandmother misses living close to people of her age, that could eventually become her friends.

E4:We need to admit younger people very often don't interact with older neighbors, even if they feel sympathetic towards them.

E5: In my concern, having someone to whom you can relate would help them to preserve their sanity intact - I do not mean to say they turn mad when they live alone, but from what I can see from my grandma and some elders I know, depression and feeling of emptiness are very common, We normally think this is part of aging, but are in normal neighborhoods if all there is a lack of human interaction?

E6: Although this may be called ' discrimination', in my sense there would be no feeling of prejudice from the outside or even from the inside.

E7: After all, youngsters who make too much noise annoy their neighborhoods and also feel annoyed by them; if living separated would solve such problems, what would be the matter?

E8: I am not saying everybody should live separated, of course not; but I see no harm in providing the ones who enjoy living among people of the same age the chance to do it.

E9: In my childhood, I liked having the old woman next door because she told me stories and made me cookies and, I believe she also liked having me around. Therefore, even if there is the option, I don't think everybody would choose it.

E10: If that would make them happier, however, they should have the chance to

go for it.

Estratégias corteses:

No enunciado 1, temos o uso do “I” em “I have read...; I felt ...” que é uma estratégia para demonstrar solidariedade para com o leitor.

No enunciado 2, temos o uso do “I” em “I believe these...” que é uma estratégia para com o leitor.

No enunciado 3, temos novamente o uso do “I” em “I see how...” que é uma estratégia para aproximar-se do leitor.

Temos no enunciado 4, temos o uso inclusive em “We need to admit...” (I+ they+ you).

No enunciado 5, temos o uso do “I” em “In my concern”; “ I do not mean”.

No enunciado 7, temos o uso de uma pergunta retórica em “if living separated would solve such problems, what would be the matter?”

No enunciado 9, temos o uso de “I” em “I liked..”; “ I believe...”; “I don’t think...”

Nome (opcional):

Idade: 23 anos

Nacionalidade: Brasileiro

Caso não seja brasileiro, a quantos anos vive no Brasil:

Há quantos anos estuda a língua Inglesa: 5 anos

Estuda alguma outra língua estrangeira? Que língua estuda? A quantos anos?

Não.

Mr./ Mrs,

E1:I totally disagree with the existence of those condos for adults and elderly.

In our contemporary society it is necessary to be an interaction among all the ages.

E2:Young people must live, interact and respect the old ones.

E3:The opposite also must happen.

E4:Elderly would feel how the young generation of nowadays is, in this way understanding better how is the world, the changes that are happening.

E5:Restricting the residents to just a specific age range is to interfere in someone's life.

E6:A person would like to have young people near, but can not be allowed just because he has chosen an accessible place to live.

E7:We can also consider that a member of a family, a young one, would need to move and live with his parents or grandparents.

E8: What would be a trouble, making all the family move to another place.

E9: Concluding, I can say that creating place designed to a specific age range can be a good idea, because people would feel more comfortable and secure.

E10:However, the restriction is something very hard to be compulsory.

Estratégias corteses:

No enunciado 1, temos o uso do "I" que é uma maneira de demonstrar solidariedade para com o leitor. Há também o mitigador enfatizador "totally" que resulta num comprometimento do autor para com a proposição.

No enunciado 2, há o uso do modal "must" que resulta num grande comprometimento do autor para com a proposição.

No enunciado 5, temos uma impersonalização em "Restricting the residents to just...").

No enunciado 6, temos o uso da impersonalização em "A person would like to have...".

No enunciado 7, temos o uso de um "we" inclusive (I+ they- you) que é uma estratégia de deferência.

No enunciado 9, temos o uso "I can say", que pode ser considerado um "quality hedge", mas da maneira como foi utilizado não alcançou o objetivo esperado visto que o falante deveria ter utilizado "I have to say, I must say, etc"